

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**

FACULDADE DA SAÚDE

Curso de Psicologia

TAÍS FECHER GASCHLER

**MOWGLI: O MITO DO HERÓI VIVIDO NO MOVIMENTO  
ESCOTEIRO**

São Bernardo do Campo

2013

TAÍS FECHER GASCHLER

Turma única - Período Noturno

**MOWGLI: O MITO DO HERÓI VIVIDO NO MOVIMENTO  
ESCOTEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Psicologia da  
Faculdade da Saúde da Universidade  
Metodista de São Paulo - UMESP.  
Orientadora: Prof. Ms. Sonia Marques.

São Bernardo do Campo

2013

TAÍS FECHER GASCHLER

**MOWGLI: O MITO DO HERÓI VIVIDO NO MOVIMENTO  
ESCOTEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Psicologia da  
Faculdade da Saúde da Universidade  
Metodista de São Paulo - UMESP.

*Orientadora: Prof. Ms. Sonia Marques.*

BANCA EXAMINADORA

---

Presidente:

Profa Ma. Sônia Marques

(Universidade Metodista de São Paulo)

---

Examinadora:

Profa Dra. Marília Martins Vizzotto

(Universidade Metodista de São Paulo)

---

Examinador:

Profo Dr. José Jorge de Moraes Zacharias

(Centro Universitário Paulistano)

*Aos lobinhos, carinhosamente.*

*A todos os adultos de coração escoteiro,  
que se dedicam e acreditam.*

## **Agradecimentos**

Agradeço imensamente aos mestres e companheiros de minha jornada.

Professora Sonia Marques, pela infinita paciência, por abraçar este desafio junto comigo, e por me apoiar diante dos contratempos.

Emili Leistenschneider, minha Raksha de mãos mágicas, maior inspiração que tenho como chefe dos lobinhos.

Mariza Justus e Renata Casemiro, educadoras geniais, amigas surpreendentes, corações iluminados que me apoiaram desde o início.

Erich Leistenschneider, meu brilhante companheiro, chefe escoteiro, que me ensinou o que é ciência e se interessa por tudo o que faço.

Finalmente, agradeço aos chefes, lobinhos e suas famílias, que acolheram meu trabalho de braços abertos.

Cantigas de um garimpeiro, por Robert W. Service

*Nos usos e costumes o embalam  
no berço; com sermões o aprimoraram  
encharcado de todo em convenções;  
qual amostra, em vitrina o expuseram,  
de ensino eficiente que lhe deram.  
Mas, não ouve? É o chamado dos sertões...*

*Locais silenciosos, exploremos,  
o que a sorte nos traga, procuremos,  
para um ermo rincão vamos partir.  
Há pela noite um vento murmurante,  
guia-nos uma estrela, cintilante...  
Os sertões chamam. Nós devemos ir.*

*Já sofreu, esfaimado e triunfando?  
Ou gadunhou a glória, rastejando,  
na grandeza total, crescendo a sua?  
Já "fez coisas", apenas por fazê-las,  
deixando a história para os tagarelas,  
vendo, atrás da aparência, a alma nua?*

*Já viu Deus no esplendor da criação?  
Já leu na Natureza a explicação  
que nos bancos da igreja não ouvirá?  
Coisas reais, coisas singelas, gente  
que faz as coisas silenciosamente...  
Ouve, então, que os sertões o chamam. Vá!*

Este poema finaliza o livro "Caminho para o Sucesso",  
de Lord Baden-Powell, fundador do Movimento Escoteiro.

## **Resumo**

Mitos de heróis estão presentes em diversas culturas e épocas e representam os desafios e etapas a serem vencidos por todos os indivíduos ao longo da vida no desenvolvimento da própria identidade. O herói Mowgli, de R. Kipling, é a inspiração para as atividades das crianças do movimento escoteiro. O presente estudo tem como objetivo compreender como a jornada de Mowgli pode ser identificada nos relatos destas crianças. A análise das entrevistas semidirigidas dos cinco indivíduos evidenciou que eles identificam-se com o herói e, conforme ficam mais velhos, tem maior clareza sobre a necessidade de esforço próprio para superar desafios.

Palavras-chave: herói, Mowgli, Livro da Selva, movimento escoteiro, lobinhos, identidade, desafios, Campbell, Jung.

## **Abstract**

Myths of heroes are present in different cultures and eras and represent the challenges and steps to be overcome by all individuals through life in their identity development. The hero Mowgli, by R. Kipling, is the inspiration for the children's activities in the Scout Movement. This study aims to understand how Mowgli's journey can be identified in the report of these children. The data analysis showed that the five individuals identify with the hero and, as they get older, they have more clarity on the necessity of self-effort to overcome challenges.

Keywords: hero, Mowgli, Jungle Book, scout movement, wolf cubs, identity, challenges, Campbell, Jung.

## Sumário

### 1. Introdução

.....

### 2. Método

2.1. Participantes .....

.....  
2.2. Local

.....  
2.3. Instrumento

.....  
2.4. Procedimentos

.....

### 3. Resultados e

discussão .....

### 4. Considerações

finais .....

### 5. Referências

.....

### Anexos

Anexo 1 - Mowgli, o menino lobo (Resumo)

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo 3 - Entrevistas

## 1. Introdução

O herói é o personagem central de inúmeras jornadas e histórias ao redor do mundo e em diversas épocas. Ele representa o caminho que todos os indivíduos devem percorrer ao longo da vida para seu amadurecimento psicológico. Alguns autores o estudaram com maior profundidade.

Carl Gustav Jung (1959/2002) define um de seus mais importantes conceitos, o inconsciente coletivo, como a parte do inconsciente que não deve sua origem às experiências pessoais. Enquanto o inconsciente pessoal é formado por conteúdos que um dia foram conscientes, mas que desapareceram da consciência sendo reprimidos ou esquecidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca foram conscientes e devem sua existência à hereditariedade.

Jung chegou à ideia de inconsciente coletivo a partir de seus trabalhos com pessoas saudáveis, neuróticos e psicóticos. Estes apresentavam sonhos e alucinações que não pareciam ligados a nenhuma experiência pessoal, mas se relacionavam com a mitologia e a arqueologia. Juntando-se a isso, suas experiências pessoais levaram-no a concluir que há, em cada indivíduo, uma ligação psíquica com toda a história humana (SILVEIRA, 1997/2011).

Para Stein (2006), a investigação e descrição do inconsciente coletivo foram a grande originalidade da obra de Jung, pois ao estudar profundamente conteúdos inconscientes, principalmente sonhos e fantasias, ele teorizou a respeito de estruturas da mente humana que pertencem a todas as pessoas por herança genética. Nomeou como “arquétipos” os padrões mentais universais que nos são concedidos pela natureza.

Segundo Von Franz (1981/2008), o arquétipo é um impulso típico que se dirige a uma determinada ação, que pode inclusive aparecer em forma de fantasia ou imagem poética. Um arquétipo é um pensamento padrão que se interliga com todos os outros pensamentos, mas que também está agregado a sentimentos,

emoções, ações e fantasias. Com isso, ganha significado através da experiência emocional que proporciona ao indivíduo.

Freud também admitiu a existência de esquemas filogenéticos que arranjam as experiências pessoais em categorias através da imaginação e que estes esquemas tendem a se sobrepor à experiência, mas dava maior importância a um deles, o complexo de Édipo, que trata do desejo inconsciente da criança de aniquilar o pai para ter a mãe apenas para si (ADAMS, 2008/2011).

Segundo o mesmo autor, Jung não afirmava que arquétipos são ideias inatas, ao contrário do que muitos acreditam, ou que dão origem a algum conteúdo. São os conteúdos que se adaptam à potencialidade do arquétipo etornam-se imagens arquetípicas, fazendo com que toda aquela vivência do indivíduo seja fundamentada no arquétipo.

O conceito de arquétipo somente pode ser aplicado a manifestações que ainda são totalmente inconscientes, adquirindo seu conteúdo de acordo com a individualidade de cada pessoa. Um modo claro de entender os arquétipos é através dos mitos, pois o homem primitivo projeta seus fatos internos nos acontecimentos externos, elaborando-os arquetipicamente através dos mitos. Por estar relacionada a um processo psíquico tão interno, demorou-se a pensar que a elaboração dos mitos tivesse sua origem na própria alma humana (JUNG, 1959/2002).

Nichols (1980/2007) cita exemplos de arquétipos. O Salvador, que aparece em nossa civilização como Jesus Cristo; Animus, o princípio do masculino, e Anima, o princípio do feminino; a Mãe Terrível, de quem o ego precisa libertar-se para continuar seu desenvolvimento; a Criança, que comumente representa a imaturidade e inconsciência; o arquétipo do Herói, cuja jornada representa o caminho para o processo de individuação.

O arquétipo do herói aparece em forma de mito em todo o mundo e é encontrado em tribos primitivas, na mitologia clássica, na Idade Média, na Europa e no Oriente. Os mitos de heróis são temas

constantes de nossos sonhos e apresentam-se sempre com a mesma estrutura: nascimento humilde e milagroso, força sobre-humana precoce, ascensão rápida, fama, luta triunfante contra o mal, a tentação do orgulho e o declínio por traição ou sacrifício, variando apenas em seus detalhes (HENDERSON, 1964/2008).

Segundo o mesmo autor, frequentemente nas histórias de heróis surgem personagens cuja função é a de serem guardiões ou tutores. Eles contribuem para a superação da fraqueza inicial do herói e lhe permitem realizar as tarefas que seriam impossíveis caso ele estivesse sozinho. Na verdade, estas personagens representam a psique total, a entidade que supre as fraquezas do ego. Lembrem-nos que a função maior do mito do herói é a de desenvolver no indivíduo a consciência do ego, o reconhecimento de suas capacidades e dificuldades, com o objetivo de prepará-lo para as tarefas mais difíceis da vida.

Estes guardiões desempenham o papel do Velho Sábio. Suas palavras auxiliam o herói nos desafios da fantástica aventura. Este é o personagem que aponta a melhor arma para derrotar o inimigo, a donzela que o aguarda, a mina dos tesouros, quem cura as feridas do herói utilizando seus conhecimentos e, por fim, ajuda-o a retornar à vida normal após sua jornada (CAMPBELL, 1949/2007).

Jung (*apud* STEIN, 2006, p. 86) atribuiu ao mito do herói o papel de criador da consciência. É um padrão humano equivalente em homens e mulheres, que exige o abandono da atitude infantil e passiva e a aceitação da realidade de forma madura. Se a humanidade falhasse neste desafio, estaríamos condenados à extinção há muito tempo.

O arquétipo do herói é a ilustração do desenvolvimento total e individual de cada um. Isso é expresso num movimento conhecido como *centroversão*, que faz com que o complexo do ego e a consciência fiquem em primeiro plano. Esta é uma atividade instintiva, de características mais próximas do masculino para ambos os sexos, que se opõe à Grande Mãe, já que o ego liberta-se em

direção contrária a ela (NEUMANN, 1980/1995).

Em toda saga de herói, o personagem principal enfrenta provações e obstáculos que verificam sua capacidade de se tornar herói. Os mitos de heróis falam sobre a transformação da consciência, que acontece através das próprias provações ou de revelações iluminadas. Em todas essas histórias existe um momento de redenção, uma proeza, um ato supremo de realização (CAMPBELL, 1988/1991).

Mitos heroicos exprimem a primitiva batalha pela conquista da consciência. O ego emerge do inconsciente em forma de libertação, confrontando a sombra. A figura do herói lutando contra monstros terríveis simboliza o processo de amadurecimento do self (HENDERSON, 1964/2008).

A aventura mitológica do herói tem um percurso padrão, geralmente representado nos ritos de passagem como um ciclo de cisão, iniciação e retorno. Vindo do mundo cotidiano, um herói se arrisca num mundo estranho e sobrenatural. Descobre forças poderosas e misteriosas e obtém vitória de forma marcante ou improvável. Por fim, retorna com a possibilidade de acrescentar algo ao seu povo de origem (CAMPBELL, 1949/2007).

Segundo o mesmo autor, a tarefa primeira do herói é a de retirar-se da superfície e aventurar-se pela psique, onde se fixam as raízes das dificuldades, combater as imaturidades que carrega como herança cultural, experimentando e assimilando as imagens arquetípicas.

Ao invés de manter tudo como estava até então, o herói sai à busca de novos caminhos, derruba o comodismo, atormenta a sociedade com novas ideias e aceita que há um caminho a ser seguido para chegar à totalidade da existência (JUNG, 1981).

Campbell (1988/1991) descreve diferentes as etapas da aventura do herói. Primeiramente, o herói recebe um chamado para esta aventura, que o desvia de seu cotidiano acomodado e o leva a um novo caminho. O herói pode, a princípio, recusar este chamado

por medo de abandonar suas raízes e valores ou algum objetivo individual, mas é logo impulsionado à jornada pela vontade de devolver sentido à vida. Mas ao herói que atende prontamente ao chamado, é enviado um guardião, protetor ou amuleto para guia-lo. Aquele que havia recusado o chamado também recebe este auxílio posteriormente. O herói chega então ao primeiro limite com o mundo desconhecido, geralmente guardado por alguma criatura que deve ser enfrentada. A finalização da passagem pelo limiar se dá em uma imagem que simboliza, de alguma forma, o renascimento.

Para o mesmo autor, a fase seguinte é marcada por uma sucessão de provações a serem enfrentadas pelo herói, sempre com a ajuda sobrenatural oculta. Desta forma, encontra-se com suas contradições para tornar-se com elas uma unidade. Em seguida ocorre um encontro do herói com o feminino ou, no caso de uma heroína, com o masculino. Este encontro é quase sempre banhado de tentações, desilusões e identificações que acabam por ampliar a consciência. Ele também encontra-se com o masculino, o exemplo do pai, com o qual ele termina por identificar-se. Esta fase termina com uma ideia de que o herói conquistou este mundo novo e que nada mais vai lhe faltar ali.

Campbell (1988/1991) indica que, a seguir, o herói chega à fase do retorno, necessária para que as conquistas do herói causem mudanças também em seu mundo de origem. Entretanto, estando o herói já fixado neste novo mundo, comumente recusa este retorno. Quando convencido da necessidade de voltar, isto pode se dar com ajuda e bênção dos deuses e guardiões, ou em fuga. Neste momento costumam ficar evidentes os aspectos mais humanos do herói. A dificuldade, então, é encarar o mundo real novamente, desta vez com uma nova consciência que pode até incomodar as pessoas à sua volta, com o perigo de tornar-se um deslocado na sociedade. Ao integrar os ensinamentos de seus guardiões à realidade de seu mundo de origem, o herói conquista a liberdade sólida de existência.

O herói é adorado até mesmo como figura religiosa, e isto está

ligado ao diferencial humano, que é o aspecto cultural. Esta figura adorada não é apenas um homem, mas um ser semelhante que possui as características que mais mobilizam a alma humana. Ao idolatrar o herói, ligamo-nos ao que temos em comum com toda a humanidade, que se difere das conquistas de experiências pessoais. Junto com esta figura vamos às nossas próprias profundezas em uma jornada de introspecção, com a coragem tipicamente despertada por um arquétipo (JUNG, 1944/1991).

A descida à escuridão na jornada do herói é acompanhada do receio de adentrar o si-mesmo, pois este movimento oferece o perigo da desintegração da personalidade. Ao mesmo tempo, esta descida é uma fascinante tentação, que se torna mais intensa quanto mais se afunda nela. Encontrando-se com o desconhecido, as contradições do inconsciente podem ser resolvidas e o herói então renasce para a própria consciência (JUNG, 1912/1986).

Quando o herói enfrenta a batalha contra o mal, está enfrentando sua própria sombra, suas tendências regressivas. O herói precisa se convencer da existência da sombra para dela poder retirar sua força. O ego triunfa apenas quando a sombra é assimilada e subjugada. O mito do herói é uma representação do esforço que fazemos para crescer, ajudados pela ilusão de uma ficção eterna (HENDERSON, 1964/2008).

Campbell (1988/1991), ao falar da importância dos mitos, ressalta que a história do sofrimento humano, da luta, da vida, leva a juventude ao conhecimento de si mesma. É importante que se passe pela experiência do sofrimento para que se sinta vivo. Desta forma, os mitos dão pistas para as potencialidades humanas, que acabam por ser vivenciadas interiormente. A mitologia e os contos de fadas dão pistas, em forma de fantasia, sobre os desafios da vida e as possibilidades de enfrentá-los. Os acontecimentos da jornada simbolizam vitórias psicológicas e o herói é a representação de um potencial salvador e criativo que todos carregamos.

O esforço de crescimento individual constitui uma das bases de

um movimento educativo que já existe há mais de cem anos: o movimento escoteiro. Baden-Powell, seu fundador, buscou aplicar um método que formasse cidadãos íntegros, através do autodesenvolvimento. Os jovens assumiriam a responsabilidade de sua própria educação, escolhendo os próprios líderes e sob a supervisão de voluntários adultos, denominados chefes. Um sistema original, baseado no desenvolvimento do senso de iniciativa, ao invés da obediência cega. Baseado em um código de honra e não em punição (NAGY, 1985/1987).

O escoteiro representa um ideal de herói moderno. Baden-Powell (1908), ao escrever o livro “Escotismo para Rapazes”, que acabou resultando na fundação do movimento escoteiro, aconselha os jovens a acreditarem que tudo é possível se for feito com dedicação, trabalho, otimismo e alegria, aproveitando todas as oportunidades. Ele acreditava que os jovens deveriam ser fisicamente fortes e aprender a socorrer as pessoas necessitadas. Ele deixou clara a identificação entre os escoteiros e os heróis e o orgulho que devem possuir disto:

Nós sempre temos em alta consideração qualquer homem que, com o risco da própria vida, salva a de alguém. É um herói. Os meninos especialmente pensam assim, pois julgam que um herói é completamente diferente deles. Mas não é. Qualquer rapaz tem possibilidade de se tornar um herói, salvando a vida de alguém, se estiver preparado para isso.

(...) se vocês souberem o que fazer e o fizerem imediatamente, poderão ganhar para toda a vida a satisfação de ter ajudado ou salvo uma criatura humana.

(BADEN-POWELL, 1908, p. 334)

É comum que, no Brasil, os jovens do movimento escoteiro conheçam a história de Caio Viana Martins como exemplo de herói. Caio nasceu no interior de Minas Gerais, em 1923, e tornou-se escoteiro em 1937. Quando estava com quinze anos de idade, participou de uma excursão de trem, juntamente com os demais escoteiros de seu grupo. Durante a madrugada, o trem colidiu com outro que vinha na direção contrária, causando descarrilamento e

deixando muitos feridos e mortos. Os escoteiros trataram de socorrer os sobreviventes. Caio sofria de fortes dores causadas por uma hemorragia interna abdominal, mas procurou não se queixar e continuou colaborando. Andou a pé para a cidade, junto dos amigos, onde foi levado ao hospital. Faleceu no mesmo dia, na presença de seus pais. A forma como Caio suportou a dor e deixou de lado a própria vida para cuidar dos demais é considerada uma corajosa aplicação da lei escoteira.

Outro aspecto marcante do movimento escoteiro é o cerimonial. Marcam-se as passagens de faixa etária, a promessa escoteira e o recebimento de distintivos especiais.

Ritos ocupam uma posição importante em sociedades primitivas. Têm como característica a formalização de rompimentos, pelos quais a mente é distanciada radicalmente dos padrões de um estágio de vida, que fica para trás (CAMPBELL, 1949/2007).

De acordo com Jung (1951/2002), para que a transformação decorrente do ritual aconteça, é necessária a identificação do iniciado com o herói que se transforma. Geralmente cerimônias tem esta identificação intencional.

Os jovens da modernidade enfrentam uma escassez de rituais. Por este motivo, formam gangues, com iniciações, leis e moralidade próprias. A sociedade não lhes fornece rituais pelos quais se tornariam membros da comunidade (CAMPBELL, 1988/1991).

Durante sua vida escoteira, o jovem passa por ritos de passagem. Um deles é a Promessa Escoteira, na qual o indivíduo promete por sua própria honra fazer o melhor possível para cumprir seus deveres para com Deus e sua pátria, ajudar o próximo e obedecer à lei escoteira. Há também as cerimônias de passagens de ramo, nas quais um jovem que chega a determinada idade deixa uma fase do escotismo para passar a vivenciar a fase seguinte (POR, 2008).

O Escotismo é uma fraternidade mundial. Todos os escoteiros utilizam lenço no pescoço como parte de seu uniforme, tem um

mesmo lema, uma mesma lei, cumprimentam-se com aperto de mão canhoto e seguem o método de Baden-Powell até os dias de hoje. É comum que escoteiros de todo o mundo conheçam-se e comuniquem-se através de encontros nacionais e mundiais, meios eletrônicos e correspondências.

Jung (1961/1963) diz que a formação de fraternidades que possuem códigos próprios, conhecidos apenas pelos iniciados, é essencialmente importante para as fases mais primitivas das sociedades. De certa forma, esses códigos compensam as disparidades da personalidade, que acabam por se diluírem na identidade coletiva. Ao mesmo tempo, essa sensação de integração com o grupo funciona como um porto seguro de acolhimento e aconchego, o que pode fazer do convívio nas fraternidades uma experiência construtiva para o indivíduo.

A educação que segue regras, princípios e métodos pode ser bastante útil para formar cidadãos capazes de ceder aos próprios desejos em benefício coletivo. Em um grupo maior de pessoas assim, é maior a força inconsciente que atrai o indivíduo para os mesmos princípios. O desenvolvimento individual não deve ultrapassar a educação coletiva, assim como esta não pode destruir a chance do surgimento da personalidade individual. O indivíduo cujo caráter atrapalha a si mesmo pode encontrar apoio e solução em uma sociedade coesa por ideais e princípios (JUNG, 1972/1981).

O Movimento Escoteiro não ficou restrito apenas aos rapazes. Desde sua fundação, moças também se interessaram pelo escotismo e pressionaram Baden-Powell a aceitá-las como escoteiras. Foram criadas, então, as *Girl Guides*, que ficaram conhecidas no Brasil como Bandeirantes. Uma irmã de Baden-Powell, Agnes, assumiu a responsabilidade pelo movimento feminino (NAGY, 1985/1987).

Segundo o mesmo autor, as mulheres não ficaram apenas no Movimento Bandeirante. Com a Primeira Guerra Mundial, muitas delas ocuparam o posto de chefes no lugar dos homens que foram servir ao exército. Ao longo dos anos, muitas meninas aderiram ao Movimento

Escoteiro por razões diversas, até que em 1973, em uma conferência mundial escoteira, debates levaram à reformulação dos documentos oficiais do escotismo. Todas as palavras que se referiam apenas aos rapazes foram substituídas por expressões que abrangessem ambos os sexos. A primeira participação oficial de moças escoteiras aconteceu em um acampamento de nível internacional em 1983, no Canadá.

Os jovens que participam do movimento escoteiro são divididos por faixa etária em quatro ramos, com atividades e programas diferentes. No Brasil, a adotada é a seguinte: crianças de seis anos e meio a dez anos pertencem ao ramo Lobinho, jovens de onze a quatorze anos pertencem ao ramo Escoteiro, jovens de quinze a dezessete anos pertencem ao ramo Sênior e jovens de dezoito a vinte anos pertencem ao ramo Pioneiro. A partir dos vinte e um anos, se desejar continuar participando das atividades, o jovem pode assumir um cargo de chefe ou dirigente. Os chefes são os adultos que atuam em contato direto com as crianças e jovens, enquanto os dirigentes são os que atuam na administração da União dos Escoteiros do Brasil - UEB em seus distintos níveis (POR, 2008).

Cada ramo tem uma história própria. O surgimento do ramo Lobinho decorre de um problema que Baden-Powell enfrentou no início da expansão do movimento escoteiro: a vontade das crianças menores de onze anos de participarem das atividades escoteiras. Foi criado, então, o ramo Lobinho, especialmente pensado para os mais novos. Para tanto, ele inspirou-se em “The Jungle Book”, resumido no livro “Mowgli - o menino lobo”, de R. Kipling, que foi seu contemporâneo. O livro conta a história de Mowgli, um menino criado na selva em uma família de lobos. Ele conquista a própria identidade vivendo entre as forças vitais da natureza, adquirindo força e coragem com a orientação das feras da mata. Ao fim da história, Mowgli utiliza o que aprendeu com os animais a serviço da comunidade dos homens. A história de Mowgli continua a ser a base do ramo Lobinho até os dias de hoje (NAGY, 1985/1987).

Outras histórias famosas apresentam famílias de lobos como cuidadores de crianças e conhecedores da lei da selva. O lobo aparece na mitologia como um ancestral do homem, um herói guerreiro que enxerga à noite e conhece a ordem da selva. Ao mesmo tempo que é símbolo de selvageria, é a fecundidade e maternidade, como na história de Rômulo e Remo que, depois de abandonados, foram cuidados e alimentados por uma loba (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1906/2002).

Além disso, o termo “lobinho” está vinculado aos costumes de algumas tribos nativas da América do Norte e África de usar o nome do animal para referirem-se a grandes exploradores. Sendo assim, os lobinhos são os futuros grandes exploradores de suas tribos (BADEN-POWELL, 1916/1993).

De acordo com o ambiente e os recursos disponíveis, os chefes escoteiros devem sempre evocar histórias de heróis em suas atividades. Estes heróis devem estar a serviço da humanidade, levando os jovens a interiorizarem os valores que a conduta do herói representa e a refletirem sobre estes valores na vida pessoal e no comportamento (Manual do Escotista, 2001).

De acordo com a tradição escoteira, as histórias de “The Jungle Book” funcionam como pano de fundo para as atividades dos lobinhos. São evocados constantemente os episódios da história de Mowgli, com o intuito de fazer com que as crianças os vivenciem como atores e não apenas como espectadores, sentindo que conhecem e convivem com os personagens da Jângal. A partir destas histórias, assim como outras contadas pelos chefes, são criados jogos, atividades lúdicas, exercícios de raciocínio, trabalhos manuais e outras atividades que tem como objetivo proporcionar experiências construtivas para os jovens.

Não foi por acaso que o genial educador e criador do escotismo, Baden-Powell, usou o tema do Livro da Jângal como base ao Lobismo. Para criar um fundo fantasioso aos lobinhos, cada garoto se torna um Mowgli e os adultos 'se apropriam' de nomes dos personagens do livro como, por exemplo, Bagheera, a astuta pantera negra; Baloo, o mestre

urso; Akela, o hábil chefe da Alcateia de Seeonee; Kaa, a sábia velha serpente. A excelência do programa e metodologia desenvolvidos pode ser medida pela presença do escotismo, em especial dos lobinhos, em mais de 200 países, com mais de 20 milhões de participantes.  
(GABRIEL, 2005, pág. 12).

Rudyard Kipling nasceu em 1865, na cidade de Bombaim, Índia. Quando criança mudou-se para a Inglaterra. Durante a faculdade começou a escrever poemas e publicou seu primeiro livro. Voltou para a Índia, onde trabalhou como jornalista e continuou a publicar suas histórias. De volta à Inglaterra, já adquirira fama como escritor. Casou-se com uma americana e morou nos Estados Unidos, onde escreveu O Livro da Jângal e sua obra prima: Kim. Como jornalista, acompanhou a primeira grande guerra e visitou o Brasil em 1927. Tornou-se o primeiro escritor inglês a receber o Prêmio Nobel de literatura e faleceu em 1936, em Londres (GABRIEL, 2005).

A formação dos chefes escoteiros, também denominados escotistas, acontece a partir da experiência prática, o que faz parte do método escoteiro, e também de cursos formativos que reúnem adultos de diversas localidades, ministrados por chefes mais experientes. Nestes momentos os adultos são informados sobre os significados simbólicos da saudação, do lema, do uniforme, distintivos, histórias contadas para os jovens, assim como algumas teorias do desenvolvimento da criança e do adolescente.

Os chefes acompanham o desenvolvimento das crianças em seis áreas diferentes: desenvolvimento físico, intelectual, espiritual, afetivo, social e de caráter. Quando conquista um determinado nível de desenvolvimento em cada uma destas áreas, o lobinho passa para uma nova etapa e recebe um distintivo equivalente para usar em seu uniforme. No ramo Lobinho, ao todo são quatro etapas, denominadas: lobo pata-tenra, lobo saltador, lobo rastreador e lobo caçador. A capacidade de passagem para uma nova etapa é avaliada pelos chefes, de acordo com uma lista padronizada de requisitos. Além disso, os lobinhos que se destacam e cumprem determinadas etapas podem receber o distintivo especial do ramo Lobinho: o Cruzeiro do

Sul. É esperado que a conquista destas etapas ajude o lobinho a perceber seu crescimento e a manter o ânimo por novas conquistas. (Escotista em Ação, 2011).

Outra característica importante que o ramo lobinho conserva é a predominância da vida em grande grupo e pequenos grupos. O grande grupo é a alcateia como um todo, juntamente com os chefes. É esperado que esta vivência crie nas crianças o sentimento de pertencimento a algo maior e dê a elas motivação para continuarem seguindo as leis do lobinho, mesmo que isso as faça sentirem-se diferentes das demais crianças da sociedade em que vivem. Além disso, a alcateia é dividida em pequenos grupos de quatro a seis crianças, denominados matilhas. As matilhas determinam a vida em pequenos grupos. Cada matilha tem um primo, um lobinho mais experiente que deve ser ouvido pelos demais, e um segundo, que é o sucessor e substituto do primo. Nas matilhas os lobinhos tem a possibilidade de conquistar o posto de segundo (vice-líder) e, posteriormente, de primo (líder), ao adquirirem experiência e respeito dos demais lobinhos.

Ao fazer a promessa de lobinho, diante da bandeira nacional e de sua alcateia, a criança promete obediência à lei do lobinho. Esta lei é frequentemente evocada durante as atividades, estimulando os lobinhos a cumprirem-na como um código de honra, e possui cinco artigos:

- 1º: O lobinho ouve sempre os velhos lobos;
- 2º: O lobinho pensa primeiro nos outros;
- 3º O lobinho abre os olhos e os ouvidos;
- 4º: O lobinho é limpo e está sempre alegre;
- 5º: O lobinho diz sempre a verdade.

Baden-Powell (1916/1993) acreditava que características como egoísmo, desonestidade, hipocrisia e individualismo eram características naturais das crianças em idade de lobinhos. Esperava que, ao chegar à idade de escoteiro, a criança desenvolvesse a vontade de viver em bando e o cavalheirismo.

Considerando que os lobinhos são crianças que vivenciam as histórias de Mowgli e que essas vivências tem como objetivo colaborar com o desenvolvimento psicológico delas, este trabalho tem por objetivo analisar como o mito do herói pode ser identificado nos relatos dos jovens do movimento escoteiro e a história de 'Mowgli - o menino lobo' de R. Kipling.

## **2. Método**

### 2.1 Participantes:

Participaram deste estudo cinco crianças pertencentes ao movimento escoteiro, sendo quatro do ramo lobinho (crianças de seis e meio a dez anos de idade) e uma do ramo escoteiro (jovens de onze a quatorze anos de idade). Duas crianças são do sexo feminino e três do sexo masculino, para que seja verificada também a diferença entre as vivências nos dois sexos, levando-se em conta que o arquétipo do herói é bastante ligado ao masculino.

Foram selecionados participantes de três grupos escoteiros diferentes e quatro idades distintas: um com sete anos, um com oito anos, um com nove e dois com dez, com o objetivo de não limitar os relatos a experiências proporcionadas por um único grupo de adultos ou a uma única faixa etária. Além disso, essas crianças obrigatoriamente participavam do movimento escoteiro há pelo menos um ano com boa frequência, para que já tivessem tido a oportunidade de ouvir e vivenciar a história de Mowgli um número razoável de vezes.

Os participantes pertenciam a grupos escoteiros de São Bernardo do Campo, por ser conveniente para a pesquisadora. Foram escolhidas, com ajuda dos chefes escoteiros responsáveis, crianças consideradas medianamente interessadas, para que representem a média de experiências vividas pelos lobinhos.

### 2.2 Local:

As entrevistas foram realizadas nos espaços destinados ao ramo lobinho, dentro dos grupos escoteiros dos quais os sujeitos participavam.

### 2.3 Instrumento:

Foram realizadas entrevistas semidirigidas, gravadas por um celular, e transcritas integralmente neste trabalho. Para os sujeitos

pertencentes ao ramo lobinho, utilizou-se os seguintes tópicos de investigação:

- *O que mais chama a atenção no movimento escoteiro*
- *O que mais chama a atenção no ramo lobinho*
- *O que mais chama a atenção na história de Mowgli*
  - \* *Por que esta passagem é importante para Mowgli*
- *Como é viver em alcateia*
- *Significado e importância dos chefes*
- *Significado e importância da cerimônia de integração*
  - \* *Como foi a cerimônia*
  - \* *O que essa cerimônia representa*
  - \* *Importância de ser aceito*
- *Visão geral que as crianças tem sobre Mowgli*
- *Em que se acham parecidas com Mowgli*
- *Personagem com que as crianças mais se identificam na história de Mowgli*
- *O que existe de difícil em ser um lobinho*

Para o sujeito pertencente ao ramo escoteiro, seguiu-se os seguintes tópicos de investigação:

- *O que mais chama a atenção no movimento escoteiro*
- *O que mais chamava a atenção na alcateia*
- *Como foi ser um lobinho e viver em alcateia*
- *O que mais chamava a a atenção na história de Mowgli*
- *Como foi a cerimônia de integração e o significado dela*
- *Significado e importância dos chefes*
- *Personagem com que mais se identificavam na história de Mowgli*
- *Diferença entre os chefes do ramo lobinho e do ramo escoteiro*
- *Diferença entre ser um lobinho e ser um escoteiro*
- *O que havia de ruim, ou de difícil, em ser um lobinho*
- *O que há de difícil, ou de ruim, em ser um escoteiro*

- *Como foi se tornar o lobinho mais velho da alcateia*
- *O que representou ouvir a última história de Mowgli*
- *Como foi deixar a alcateia e passar para o ramo escoteiro*
- *O que há de bom e de ruim em ser um escoteiro e não ser mais um lobinho*

#### 2.4 Procedimentos:

Inicialmente, foi pedida a autorização dos chefes escoteiros dos grupos que trabalham com as crianças em idade de ramo lobinho e da administração destes grupos para utilização do espaço para a entrevista e para selecionar crianças com o perfil desejado. Em seguida, após o horário das atividades do grupo escoteiro, os pais ou responsáveis pelos participantes foram informados sobre o presente estudo e, quando concordantes com a participação do menor, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foi combinado o dia e horário para realização da entrevista.

Às crianças participantes foi explicado que conversariam com a entrevistadora sobre o que fazem nas atividades escoteiras e o que pensam sobre a história do Mowgli. Em seguida, elas foram conduzidas ao local da entrevista, a qual foi acompanhada durante todo o tempo por um dos responsáveis, ou por um dos chefes.

Os dados obtidos nas entrevistas semidirigidas foram analisados qualitativamente de acordo com a proposta de Campbell. Foi analisada a percepção sobre o ramo lobinho do escotismo e sua relação com a jornada do herói, baseando-se no resumo da história feito pela autora deste trabalho (Anexo 1).

### **3. Resultados e discussão**

Estão apresentadas a seguir as análises de cada entrevista.

#### 3.1 Lobinha de 7 anos:

Nome: K.

Grupo Escoteiro: T.

Sexo: F.

K. é a entrevistada mais jovem. Está há cerca de um ano no movimento escoteiro, participando das atividades da alcateia.

O primeiro aspecto que K. destaca sobre a alcateia são as diferentes etapas em que os lobinhos se classificam, mas identifica estas etapas como um indicativo da idade da criança. No entanto, de acordo com as regras do movimento escoteiro, nessa promoção também é avaliada a maturidade da criança para entrar em uma nova etapa. Ela parece ainda não compreender estes critérios, não atribui as conquistas de lobinha ao esforço próprio e compreende as atividades como apenas recreativas. Entende que as atividades são programadas e promovidas pelos chefes, mas não compreende os desafios que elas representam. Não há consciência sobre os constantes desafios que o lobinho precisa enfrentar para provar capacidades, assim como herói mítico é desafiado (CAMPBELL, 1949/2007).

Mas K. demonstra entender que há diferentes níveis de maturidade quando relata sua cerimônia de promessa. O recebimento do lenço indica, para ela, o surgimento de uma nova responsabilidade: cuidar para que os mais novos não sofram as consequências de sua inconsciência sobre comportamentos arriscados. K. entende que a indisciplina dos novatos é fruto da ignorância deles e que precisam da orientação dos demais para aprender.

Portanto, apesar de compreender parcialmente as provas do caminho, esta lobinha entende que a entrada definitiva na alcateia implica o conhecimento de uma realidade ainda desconhecida para os novatos, a relação entre a causa e a consequência das suas ações. Esta passagem está relacionada à entrada do herói no mundo estranho que irá desbravar (CAMPBELL, 1949/2007).

K. também alia a promessa à obediência da lei do lobinho, cujo significado não é capaz de definir. O termo “lei”, ou “Boa Lei” aparece em Campbell (1949/2007), quando ele cita as histórias de Buda e Moisés. Ambos receberam o conhecimento sobre leis que deveriam ser transmitidas ao povo, para que tivessem uma vida mais iluminada.

A lobinha não parece compreender a aplicação da lei em diferentes aspectos da vida e entende a obediência apenas como uma condição para participar das atividades divertidas da alcateia. Ela começa a perceber que há recompensas pela obediência da lei, como participar dos jogos, brincadeiras e ouvir histórias.

K. não se identifica com o herói Mowgli, mas com os Bandar-Logs, que são os macacos desorganizados e sujos da história, geralmente utilizados pelos adultos do ramo lobinho como contra-exemplo do comportamento dos lobinhos. Chevalier e Gheerbrant (2002) indicam que o macaco aparece em algumas culturas geralmente relacionado à tolice, à irritabilidade e à emoção. Comparam-no também com o Trickster, o herói em seu aspecto mais primitivo, imaturo e cruel, citado por Henderson (1964/2008).

Mas esta lobinha também vê nos macacos um ponto positivo, que é a habilidade de pegar objetos com os pés. Sendo assim, os Bandar-Logs são para ela figuras de duplo significado: o descontrole e a habilidade. A famosa história de Tarzan, de Edgar Burroughs, que tem muitas similaridades com a história de Mowgli, apresenta um outro aspecto muito ligado aos macacos: a força do grupo. Esta característica também é bastante presente no movimento escoteiro e na alcateia, mas K. ainda não a percebe com clareza.

Pode-se, então, relacionar a identificação da lobinha com os macacos à tendência regressiva da indisciplina, que ela também aponta como dificuldade dos mais novos. Afinal, ela deixou recentemente a condição de novata, que desconhecia a lei.

### 3.2 Lobinho de 8 anos:

Nome: A.

Grupo Escoteiro: J.

Sexo: M.

A. tem oito anos e está no movimento escoteiro há dois anos.

A. cita a inscrição, o vestuário e as atividades como dificuldades para pertencer ao movimento escoteiro, o que demonstra que este lobinho não vê a necessidade de ter habilidades prévias para alguém pertencer ao movimento. As condições de ingresso são externas a ele, independem de sua capacidade.

Para ele, as atividades escoteiras, além de divertidas, representam aprendizados necessários àquele que quer ser um lobinho, mas aparentemente considera que seguir os comandos dos chefes seja unicamente uma condição para participar daquele grupo e não compreende a função educativa dos comandos. Obedecer aos comandos parece ser um indicativo da identidade de ser um lobinho. Ele compreende a existência do aprendizado, mas o vê como uma consequência das atividades, e não como intenção dos chefes.

A. identifica o chefe como aquele que sabe o que deve ser feito por ser mais velho. Para ele, parece que o conhecimento vem com o tempo, e não com a experiência.

Este lobinho descreveu a cerimônia de promessa como um momento impressionante, como a passagem do herói para o novo mundo, que exigiu um estado de preparação. A. mostrou considerar-se preparado quando pediu ao chefe para fazer sua promessa, mas não soube descrever o que é esta preparação, pois ainda não é para

ele uma ideia totalmente clara. Provavelmente está ligada à vontade de participar da alcateia e das atividades.

Em seguida, A. descreve o significado do que carrega em seu uniforme: o lenço (cuja cor identifica um determinado grupo escoteiro), o birô (desenho de flor de lis que identifica todos os escoteiros do mundo), os distintivos que indicam as habilidades que aquela criança desenvolveu e as etapas que já superou. Ele pareceu bastante orgulhoso dos distintivos, como um herói que carrega com orgulho as marcas das provas pelas quais passou.

A. entende as diferentes etapas a serem superadas como marcas do caminho para atingir o objetivo final: um dia tornar-se escoteiro. Ele parece compreender que há um processo de amadurecimento do lobinho que o levará a uma nova etapa. Isto também pode ser relacionado ao mito do herói, que passa pelas provas da jornada até atingir um novo nível de consciência (CAMPBELL, 1949/2007).

A. gostou de fazer a promessa na frente de todos, acontecimento muito similar ao momento em que Mowgli é aceito pela alcateia, na roca do conselho (“roca” é um aportuguesamento de “rock”, a pedra em que fica o lobo líder durante a reunião do conselho). Agora ele já se considera um “lobo velho”, cuja função é auxiliar os mais novos a aprenderem as mesmas coisas que ele já sabe. Isto é similar ao conceito de Campbell (1949/2007) sobre a etapa de sintonia com o pai, em que o herói identifica-se com a figura masculina e passa seus conhecimentos a diante.

A. recitou os artigos da lei do lobinho na ordem certa e definiu-os como um conjunto de regras cujo objetivo desconhece, mas que devem ter sua importância por serem difíceis de aprender. Ele disse que o chefe chamado pelo nome do personagem Baloo, o urso, é quem ensina a lei e a promessa aos lobinhos, como um professor diferente. O urso aparece, simbolicamente, em alguns lugares do mundo e da história, como um ancestral do homem. Ele pode proteger crianças e também ser aquele que testemunha juramentos

(CHEVALIER e GHEERBRANT, 1906/2002). Na história do Mowgli e no ramo lobinho, o urso é personagem importante para a aceitação do menino entre os lobos e a compreensão da promessa, ambas passagens que simbolizam o renascimento em um novo mundo, com lei própria e novos desafios.

Das histórias de Mowgli, A. destaca a vitória do menino-lobo sobre o tigre, através da astúcia. Shere-Khan aparece na história como representante do lado sombrio do homem: o assassino que mata por prazer, orgulho e crueldade. Ao mesmo tempo, Shere-Khan é a razão do heroísmo de Mowgli, que não teria ido à floresta se não fosse pela fome do tigre. O herói e o vilão estão inevitavelmente identificados e ligados durante toda a jornada. A. parece admirar a vitória inteligente do herói sobre as características negativas do tigre, como representante dos aspectos sombrios. Também citou a ajuda de Baloo e Bagheera, representantes do auxílio sobrenatural que surge diante da dificuldade (CAMPBELL, 1949/2007).

Outro personagem a que A. atribui importância é Kaa, a serpente. Ele a descreve como um animal misterioso, com poderes sobre os macacos. Chevalier e Gheerbrant (1906/2002) descrevem a dualidade simbólica da serpente. É o veneno e a cura, o simples e o complexo, o macho e a fêmea. Muitas vezes carrega um mistério. Representa surpresa e fascínio, o medo que os homens tem daquilo que é obscuro e não humano (JUNG, 1951/1990). Kaa aparece no momento da história em que Mowgli, Baloo e Bagheera estão ameaçados pelos Bandar-Logos, que ficam paralisados de medo ao verem a cobra. É ela que, por seu poder enigmático, recoloca todos em seus devidos lugares. A. fica intrigado com este poder.

A. descreve os macacos como o povo sem lei e que, por esta razão, são “bagunceiros”, “não tem cérebro”. A lei aparece aqui como um saber necessário para um mundo novo, que deve ser aceito por todos. Isso pode ser relacionado às tendências regressivas que os macacos simbolizam. Não ter cérebro também pode ser relacionado ao conceito de Logos que, de acordo com Jung (1959/1990), é a

essência da racionalidade e da lógica, que impulsiona o indivíduo a desvencilhar-se da proteção do colo materno e criar reflexões. Os macacos ainda não são capazes de raciocinar, portanto, “não tem cérebro”. Ou seja, ainda estariam nos estágios iniciais da separação do indivíduo de sua mãe. A. tem oito anos, e parece importante para ele afirmar esta separação e, para tanto, critica o comportamento dos macacos.

Mowgli é visto por A. como uma criança igual às outras, que se diferencia apenas por não usar roupas. No entanto, não se identifica com ele atualmente. “Eu já fui Mowgli. Os lobinhos novos são Mowgli”. Ele não se sente mais uma criança qualquer. Ele é diferente porque pertence a uma família de lobos. Ser diferente dos demais é uma característica que ele assume sem conseguir explicar a razão: “Porque os lobinhos são assim”.

A. parece reconhecer um movimento cíclico de aprendizados e passagens no movimento escoteiro, da mesma forma como há na jornada heroica. Ele compreende que cada ramo do movimento escoteiro tem suas responsabilidades e a necessidade de cuidarem uns dos outros.

Além disso, ele tem consciência de uma missão atribuída aos lobinhos e escoteiros: cuidar da natureza. Ele sabe o que isso significa e como pode ser realizado, o que revela um propósito coletivo e de longo prazo para os conhecimentos nos quais está se aprimorando.

### 3.3 Lobinha de 9 anos:

Nome: I.

Grupo Escoteiro: T.

Sexo: F.

I. é uma lobinha de nove anos, que está há cerca de dois anos no movimento escoteiro. Atualmente é a segunda de sua matilha, o que quer dizer que ela é a vice-líder de um pequeno grupo de

lobinhos.

Ela não reconhece o propósito educativo das atividades da alcateia. Entende que elas servem para diversão. Compara suas atividades com as dos escoteiros e procura algo de positivo em ainda ser uma lobinha. Conclui que não “mexer em bichos nojentos” pode ser uma coisa boa. Esta justificativa pode demonstrar uma tendência regressiva, por preferir continuar na fase da alcateia. Ao mesmo tempo, quando diz que ser lobinha é uma preparação para ser escoteira, reconhece que está vivendo uma etapa que pode fazê-la uma escoteira melhor, futuramente.

I. fala sobre o uniforme e a sensação de ser diferente, típica da jornada mítica do herói. Ser diferente, um dia, foi motivo de vergonha, mas hoje a atenção recebida é considerada positiva. Ela diz que é bom ser diferente, como se também fosse necessário haver pessoas assim. O herói é aquele que é diferente dos outros de seu mundo, mas é esta característica que vai fazer com que ele traga evolução para sua terra de origem (CAMPBELL, 1949/2007).

Sobre o início na alcateia, I. relatou a insegurança frente ao mundo novo que estava descobrindo. Chegou a convidar uma amiga para participar, mas houve impedimentos. Ela vê vantagens em ser lobinha, pois brinca mais do que outras crianças. No entanto, não são todos que tem esta oportunidade, assim como no mito do herói, em que são poucos os escolhidos para jornada.

I. entende que a promessa é um juramento para ser cumprido na prática, que demanda esforço próprio, que é preciso demonstrar estar preparado para que ela ocorra. Ela considera esta passagem uma conquista que envolve direitos e deveres. Alguns mistérios podem então ser revelados, como o mezanino\*, que só é permitido aos iniciados. Pode-se, então, relacionar a promessa do lobinho à etapa da passagem pelo primeiro limiar no mito do herói, em que ele é apresentado a um novo mundo, repleto de novos desafios.

A subida ao mezanino pode ainda ser analisada de forma simbólica. Chevalier e Gheerbrant (1906/2002) descrevem a subida

representada pela escada, que comumente está relacionada à ascensão e valorização, a conquista de novos níveis, que é exatamente o que ocorre com o lobinho que conquista esta etapa.

Essa passagem foi percebida pela lobinha de forma bastante similar à entrada de Mowgli na alcateia, quando ele ficou no centro das atenções enquanto os demais decidiam seu futuro. I. relatou sentir vergonha por todos estarem voltados para ela, mas depois ficou feliz em saber que os demais pensaram nela. Agora ela conquista um posto próprio dentro do mundo novo. Posto este simbolizado pelos distintivos que carrega.

I. é uma das referências de sua matilha, quase não há mais espaço em seu uniforme para tantos distintivos, mas sente que ainda precisa do chefe como autoridade para auxiliá-la a lidar com os mais novos. Os mais novos são

\* Mezanino é um espaço mais alto dentro da sala de reuniões da alcateia, acessível apenas para os lobinhos que fizeram a promessa.

aqueles que ainda não compreenderam a necessidade do respeito ao mais velho. A lobinha parece entrar na fase heroica da sintonia com o pai, em que ela se identifica com a autoridade, a compreende e deseja ser como ele (CAMPBELL, 1949/2007). A delegação de um pouco de autoridade para a criança parece favorecer esta identificação, e a lobinha também se sente respeitada pelos chefes, que a auxiliam quando necessário. O herói escolhe ceder à autoridade e acaba por identificar-se com ela.

I. procura compreender a aplicação prática da lei. Isso aparece quando ela diz que este é o fator difícil em ser uma lobinha. A princípio ela não sabe dizer para que serve a lei, mas quando fala sobre a história de Mowgli compara a lei da selva à lei do lobinho, e diz que são necessárias para conviver com os outros. Ela mostra os cinco artigos da lei escritos em uma tábua, o que parece significar que a lei não está ainda internalizada, mas vem do plano externo. Ela disse que os lobinhos precisam da lei para guiá-los em suas ações. Isso ajuda a trazer o comportamento à consciência e refletir sobre o que fazem.

Esta lobinha identifica-se com Mowgli pela curiosidade, destacando a importância que dá aos aprendizados da alcateia. Ela compreende que a intenção dos adultos da alcateia inclui a identificação dos lobinhos com o herói da história e seus aprendizados. Ao final da entrevista, ela comenta sobre um escoteiro novato, que acabara de deixar a alcateia. Seu irmão, que é escoteiro, disse que o menino ainda não sabia várias coisas, mas I. considerou este fato normal, pois ele está aprendendo. Isso pode ser interpretado como a continuidade cíclica da jornada heroica, pressupondo que após a conquista de um mundo estranho, há vários outros a serem desbravados (CAMPBELL, 1949/2007).

#### 3.4 Lobinho de 10 anos:

Nome: V.

Grupo Escoteiro: G.

Sexo: M.

V. é um lobinho de dez anos, que faz parte do movimento escoteiro desde os sete e, por esta razão, já participou de várias atividades típicas do ramo lobinho.

Ele define “ser um lobinho” como realizar atividades e conquistar etapas, o que pode ser relacionado com as provações e obstáculos que os heróis enfrentam ao longo da jornada. A identificação com as provas do herói também aparece quando V. diz que as aventuras que vive na alcateia são o motivo de ser parecido com Mowgli que, como todo herói, enfrentou desafios que o prepararam para as dificuldades da vida.

Considerando-se que as aventuras de um lobinho são visitas a lugares diferentes daqueles a que uma criança de uma grande cidade está acostumada, como matas, trilhas e sítios, então ele é uma criança diferente das demais, que desbrava outros territórios e tem outras experiências. Campbell (1988/1991) diz que todos os heróis

são aqueles que afastaram-se da costumeira e protetora comunidade em que viviam para adentrar um ambiente novo e desafiante.

V. nomeou as etapas do lobinho, destacando que “caçador” é a última antes da passagem para a tropa escoteira. Ao dizer que é preciso ser um bom lobinho, conhecer as leis e ajudar o próximo, ele demonstrou compreender que as etapas são conquistadas por mérito pessoal, a partir do próprio esforço e sob avaliação dos chefes.

Da mesma forma se dá o crescimento dos heróis, através das provas e com auxílio sobrenatural (CAMPBELL, 1949/2007). Os chefes dos lobinhos são os responsáveis por fornecer as provas pelas quais o lobinho deve passar para provar a si e aos outros que é capaz de seguir para uma nova etapa. Ao mesmo tempo, são estes chefes que transmitem os valores morais do movimento escoteiro, que servem como base para o lobinho saber como deve se comportar para ser considerado maduro.

V. destaca a importância, para ele, da companhia e da amizade de Baloo e Bagheera, ao dizer que é isto que o mais gosta nas histórias de Mowgli. Considerando-se que os lobinhos, pela tradição escoteira, relacionam os chefes com os personagens que transmitem os ensinamentos da selva, é possível concluir que a criança vivencia a segurança e proteção típicas do auxílio sobrenatural, em que figuras sábias dão dicas valiosas sobre a vida que tornam a jornada heroica possível.

O aspecto do auxílio também aparece quando V. relatou sua cerimônia de promessa. Na história de Mowgli, Baloo, Bagheera e a família de lobos fazem o possível, dentro da lei da selva, para que o menino seja aceito. Na cerimônia de promessa, o lobinho deve ser aceito pelos demais e, em seguida, prometer fazer seu melhor cumprindo a lei. Este processo é todo intermediado pelos chefes, que passam a ser os mentores do lobinho enquanto este estiver na alcateia.

V. relatou que, após a cerimônia emocionante, sentiu-se um lobinho de verdade. Passou a ser respeitado por ser efetivamente da

alcateia. Estes são indicativos do rompimento do padrão de um estágio da vida para que outro seja iniciado. Ao final da cerimônia ele recebeu seu lenço escoteiro, símbolo do reconhecimento mundial de que há ali um novo membro da comunidade.

V. definiu o significado da cerimônia como aceitação e início dos aprendizados e etapas, da mesma forma como ocorre no mito heroico e na história de Mowgli. Ele se identifica com Mowgli, principalmente pela vivência das aventuras e a forma como lida com os adultos. Há consciência sobre a necessidade de aprender a respeitar aqueles que o guiam. Em termos psicológicos, o herói está conhecendo seus impulsos e a consequência deles, refletindo a respeito.

Tendo a posição de primo de sua matilha, aquele que comanda uma pequena porção de lobinhos, V. compreende seu papel como intermediário entre os chefes e os lobinhos mais novos. Ele começa a passar a diante o conhecimento que recebeu dos chefes. Tem consciência da responsabilidade de seus atos e de seu papel de líder. Este relato pode ser relacionado à fase de sintonia com o pai vivida pelo herói, em que a busca interna o leva à identificação com uma figura masculina, que compreende as dificuldades da vida e as transcende.

Aparecem também algumas tendências regressivas, quando V. diz que era mais fácil ser um lobinho mais novo, com poucas responsabilidades, como uma saudade da irrecuperável fase de inconsciência.

Como lobinho mais velho, V. já experimentou atividades do ramo escoteiro, para o qual passará em breve. Ele define os escoteiros como jovens que tem maior responsabilidade e liberdade, ou seja, mais consciência. Identifica-se com eles por saber que alguns de seus amigos já estão daquele lado, como os heróis que alcançaram o novo mundo. Isto indica que ele já se sente diferente dos mais novos, em um processo de transição. Mesmo assim, identificou nos escoteiros as etapas e provas relativas à faixa etária deles, num movimento cíclico que dará início a uma nova jornada

assim que deixar a alcateia.

### 3.5 Escoteiro de 10 anos:

Nome: A.

Grupo Escoteiro: J.

Sexo: M.

A. foi lobinho durante quatro anos e há cerca de um mês fez a passagem para a tropa escoteira.

Sobre o escotismo ele destaca o aprendizado e o objetivo aplicado ao mundo em que vive. Ele tem consciência sobre a intenção educativa do método escoteiro e sua aplicação prática. Sabe o que significa a promessa e a relaciona com a lei, cuja importância descreve como organizar as pessoas e evitar que prejudiquem a natureza.

O que mais chama sua atenção no movimento escoteiro são os uniformes, e isso o faz diferente dos outros quando não está entre escoteiros. Ele acredita que o diferente é admirado.

A. identifica a história de Mowgli como pano de fundo para as atividades da alcateia, e relaciona conscientemente as duas coisas, incluindo a interferência dos chefes. Para ele, o que mais se destaca nestas histórias é a descoberta do novo mundo, marcado pelo aprendizado e pela aventura. Isso é bastante comparável ao mito do herói e sua jornada em um mundo desconhecido.

Ao descrever o personagem Mowgli, A. fala sobre suas características cômicas, que podem ser relacionadas ao herói Trickster, o herói mais primitivo e descontraído. Ele também destaca o aspecto curioso do menino-lobo e não percebe nenhuma competitividade, apenas a necessidade de aprender sobre a selva.

Este escoteiro identifica-se com Mowgli, e também identifica todos os lobinhos com ele. Diz que todos são iguais e que tem que passar pelas mesmas etapas para tornarem-se escoteiros. Isso pode

ser relacionado com as inevitáveis etapas e tarefas pelas quais passa o herói mítico, que tem o objetivo de levá-lo a uma nova dimensão da vida.

A primeira etapa é claramente a passagem pelo limiar, pois A. diz que inicia-se pela promessa, que existe tanto para os lobinhos quanto para os escoteiros, o que indica que ele compreende um ciclo de iniciações, aprendizados e passagens. A promessa, para ele, significa um comprometimento eterno em ajudar o próximo e fazer o melhor possível.

No filme *Matrix*, de Andy e Larry Wachowski (1998), o personagem Neo é desafiado a escolher entre duas pílulas. Uma delas o devolveria à situação em que estava, sem qualquer lembrança. A outra traria novos conhecimentos, com os quais ele precisaria lidar pelo resto da vida. A. parece descrever uma situação similar quanto à promessa escoteira: o comprometimento eterno significa um dever que o acompanhará durante toda a vida, do qual ele não pode se desvencilhar, mas que trás a ele uma nova consciência sobre seu papel no mundo.

Ele atribui à promessa uma função coletiva, que contribuiria com todos, inclusive com aqueles que não fazem parte do movimento escoteiro. Da mesma forma o herói vive sua jornada para trazer benefícios ao seu mundo de origem.

Sobre o início como lobinho, A. conta sobre o medo do primeiro acampamento, que acompanha muitos lobinhos novos, mas também a sensação prazerosa e diferente de estar sem os pais, entre novos sentimentos e novos desafios. Como o herói em sua jornada, eles experimentam situações diferentes das que estão acostumados, sem a costumeira proteção dos pais.

A. tem uma noção clara sobre o objetivo das etapas pelas quais um lobinho deve passar. Diz que o grau máximo de um lobinho é o distintivo Cruzeiro do Sul. Ele é recebido por aqueles que ouviram os mestres, colaboraram coletivamente e são os mais velhos. É como o herói que está próximo de ser autorizado a retornar ao mundo de

origem.

Este momento costuma ser culminante com a conquista da posição de primo, que é o representante do chefe dentro de cada subdivisão da alcateia, as matilhas. A. diz que a liderança é uma responsabilidade a que nem todos se acostumam, pois demanda paciência com os mais novos. No entanto, há também o respeito recebido pelos lobinhos jovens, que é prazeroso. Neste momento o lobinho primo parece estar em plena sintonia com o pai da jornada heroica, em que ele se identifica com as autoridades, como os chefes, e deseja ser como eles. Começa a tornar-se mestre enquanto ainda aprendiz. É igual aos demais, apenas mais experiente.

A. é o único dos entrevistados que já ouviu a última história de Mowgli, em que o menino-lobo começa a sentir-se como um estranho na selva até que, aconselhado pelos outros personagens que estiveram ao seu lado durante toda a história, retorna ao mundo dos homens. Esta parte do mito é contada ao lobinho que está deixando a alcateia. A. também é o único que passou pela cerimônia de despedida e ingressou na tropa escoteira.

Ele fala sobre o preço da saída de Mowgli: o touro morto por Bagheera, que é o mesmo preço da aceitação do menino-lobo na alcateia. Chevalier e Gheerbrant (2002, pág. 894) ao citar Jung, dizem que o sacrifício do touro “representa o desejo de uma vida do espírito que permitiria ao homem triunfar sobre suas paixões animais primitivas e que, após uma cerimônia de iniciação, lhe daria paz”. Os mesmos autores também falam sobre a frequente aparição do touro como simbolismo da força criadora do universo e do renascimento. Estes simbolismos podem ser comparados aos touros mortos na história de Mowgli, que abrem e fecham ciclos necessários às transições do menino-lobo entre os diferentes mundos.

A. diz que Mowgli precisou retornar porque a Jângal não era o seu lugar. Deveria ficar com os homens, porque também era homem. Houve o receio do retorno, descrito por Campbell (1949/2007) como o momento em que o herói precisa aceitar voltar a sua origem, levar o

que aprendeu em sua jornada como bem para os demais, depois de ter vivido tantas experiências grandiosas.

O escoteiro relata receios também sobre sua passagem para a tropa escoteira. Ele diz que se acostumou com os membros da alcateia. Ele vê os chefes da tropa como sendo muito parecidos com os chefes da alcateia. Parece ser o arquetípico mestre, em todos os ramos. O diferencial que A. apresenta entre as atividades de alcateia e as atividades escoteiras é a história de Mowgli. Ele supõe que deva haver uma história por trás do ramo escoteiro também, e isso pode sugerir que em toda nova fase é esperada uma nova jornada, com um herói como exemplo. Na realidade, não há uma história em que se embase o ramo escoteiro. São utilizadas histórias diversas para inspirar os jovens, principalmente histórias reais.

A. consegue ver a sintonia de sua história como lobinho com as histórias de Mowgli. Ele parece compreender o significado de sua passagem e diz que foi para o mundo dos homens. Ele descreve o ramo escoteiro como uma nova fase da vida, a que atribui maiores responsabilidades, mas também uma possibilidade maior de colaborar com o mundo em que vive. Ele assume para si uma missão concreta, é consciente do objetivo das ações humanitárias e ecológicas dos escoteiros. Parece que sua jornada fez sentido, e ele agora inicia um novo ciclo.

#### **4. Considerações finais**

A partir da análise das respostas dadas pelas crianças sobre suas vivências no movimento escoteiro, é possível chegar a algumas conclusões sobre a importância e o significado psicológico destas vivências para elas.

As crianças entrevistadas entendem que Mowgli é uma criança exatamente como qualquer outra, exceto por detalhes, como o fato de ele viver na selva e não usar roupas. Isto demonstra como é natural a identificação das crianças com os heróis e seus aprendizados, pois elas também estão se desenvolvendo e aprendendo.

Levando em consideração o conceito do mito do herói e o simbolismo da floresta descrito por Chevalier e Gheerbrant (2002), considerada um santuário pelos celtas e chineses, relacionada pelos psicanalistas com o inconsciente, suas obscuridades e revelações, pode-se entender que a passagem de Mowgli pela floresta é uma jornada de autoconhecimento pela qual o herói passa para alcançar um novo estado de consciência.

Em todas as entrevistas é possível encontrar elementos importantes da jornada heroica descrita por Campbell (1949/2007). Para os lobinhos, a cerimônia de promessa é sempre marcante. Àquele momento, quando receberam o lenço, as crianças de sete e oito anos atribuem o surgimento de novas responsabilidades e a necessidade de um estado de preparação anterior. Os lobinhos de nove e dez anos veem a promessa como um juramento a ser cumprido na prática e o início de uma série de aprendizados. O escoteiro a compreende como um comprometimento eterno com o próprio mundo.

A promessa é um momento cujo significado e objetivo vão se tornando mais conscientes e claros à medida que a criança cresce e vivencia o movimento escoteiro. Esta cerimônia pode, então, ser

relacionada à passagem do herói pelo limiar do novo mundo a ser descoberto e o renascimento para uma nova consciência a partir da cerimônia que o integra a uma nova comunidade.

As crianças entrevistadas parecem tratar com naturalidade a ignorância dos novatos e o processo de aprendizagem sobre como comportar-se e lidar com os demais. Eles lembram de si mesmos quando novatos e os comportamentos que apresentavam, ou ainda apresentam, como indisciplina e inconstância, e entendem que os mais novos aprendem com os mais velhos. Ao mesmo tempo, quanto mais idade estas crianças tem, mais eles identificam nos adultos os exemplos de seus atos. Este processo pode ser relacionado à etapa do mito do heroico da sintonia com o pai, em que o herói identifica-se com a autoridade, compreende-a e deseja ser como ela.

As crianças entrevistadas falaram sobre suas identificações com os personagens das histórias de Mowgli. A lobinha de sete anos identificou-se com os Bandar-Logs, que são um bando de macacos desorganizados que aparecem na história como o contraexemplo do comportamento dos lobinhos. O comportamento bagunceiro dos macacos é como o comportamento bagunceiro dela, por ainda não incorporar a lei. O lobinho de oito anos identificou-se com os lobos, mostrando compreensão da relação da história com sua entrada para a alcateia e o surgimento do sentimento de grupo. Os lobinhos de nove e dez anos identificaram-se com o herói da história, enquanto o escoteiro disse que todos na alcateia se parecem com Mowgli, pois precisaram superar os mesmos desafios. Este último fala sobre Mowgli com distância. Ele conquistou o mundo da Jângal e agora pode transitar entre os dois mundos.

Pode-se dizer que as atividades dos lobinhos facilitam a identificação das crianças com Mowgli, pois as brincadeiras com esta fantasia tem este propósito. Além de Mowgli, as crianças associam seus comportamentos a diferentes personagens. Podemos concluir a partir disto que, conforme as crianças crescem dentro da alcateia, elas compreendem a relação destes animais com seus próprios

comportamentos e com os desafios que enfrentam nas atividades. O escoteiro, por fim, demonstra compreensão sobre a necessidade de todos passarem por provas e aprender com isso, mesmo depois de deixar a alcateia.

Os lobinhos entrevistados destacaram a diversão como elemento de interesse para participarem da alcateia. Há prazer em realizar as atividades e conviver com os demais, mas apenas entre os mais velhos estas atividades são sempre relacionadas ao aprendizado.

A primeira lobinha não demonstrou entender que há provas a serem cumpridas por esforço próprio. O segundo entende que há provas, mas não as relaciona com as atividades da alcateia. A terceira lobinha entende que há crescimento e aprendizado, mas ainda não os liga às atividades.

Já o lobinho de dez anos vê nos jogos e atividades a oportunidade de mostrar ao chefe que tem o comportamento adequado e merece subir na hierarquia como segundo ou primo. O escoteiro foi quem demonstrou maior consciência sobre a intenção educativa dos desafios propostos pelos adultos. A necessidade do esforço próprio e o objetivo das ações são ideias que ficam mais claras conforme a criança fica mais velha.

Todas as crianças citaram as leis do lobinho ou a lei do escoteiro. Ambas tem valores similares, mas a primeira é simplificada para melhor compreensão dos menores de onze anos. Obedecer à lei tem diferentes significados para as crianças entrevistadas. A lobinha mais jovem percebe a obediência como uma condição para a diversão proporcionada pelas atividades. Para o lobinho de oito anos é uma condição para participar do grupo. Os lobinhos de nove e dez anos e o escoteiro compreendem um objetivo mais complexo para a lei: definir como os lobinhos devem agir, evitando consequências ruins para todos. Os mais velhos parecem estar em sintonia com a fase do herói mítico que dá utilidade coletiva ao que aprendeu no novo mundo, no final da jornada (CAMPBELL, 1949/ 2007).

Nas entrevistas aparecem tendências regressivas, que podem ser comparadas à recusa do chamado comumente vivenciada pelo herói em sua jornada (CAMPBELL , 1949/2007).

Também destacaram a importância do acompanhamento dos adultos, assim como na história de Mowgli quando é ajudado por personagens mais velhos, como o auxílio sobrenatural que surge nos momentos de dificuldade (CAMPBELL , 1949/2007).

É importante notar que o escoteiro entrevistado tem idade aproximada à do lobinho mais velho, mas tem maior clareza sobre a intenção dos adultos que proporcionam as atividades escoteiras e sobre a utilidade coletiva de seus aprendizados. Pode-se dizer que ouvir a última história de Mowgli, que fala sobre a necessidade de retornar ao mundo de origem, assim como passar pela cerimônia em que se torna um escoteiro, proporciona oportunidade para o indivíduo compreender um movimento cíclico de jornadas de aprendizado e conquistas que dependem de esforço próprio. Nesta nova fase ele percebe que também na tropa escoteira haverá desafios, mestres e títulos.

Não foram notadas diferenças significativas entre os relatos de meninas e de meninos, mostrando que a jornada do herói, apesar de ligada ao masculino, representa a jornada pelo autoconhecimento independente do gênero do indivíduo.

O Livro da Selva de Rudyard Kipling apresenta uma jornada tipicamente heroica, rica em simbolismos que podem ser compreendidos pelas crianças. Aparentemente, a aplicação destas histórias pelo método escoteiro favorece que as crianças e jovens observem o próprio comportamento e descubram que depende deles próprios a conquista de objetivos, porém dentro de uma comunidade. Isto acontece através da identificação dos lobinhos com a história e seus personagens e da possibilidade de tornar-se integrante de um grupo coeso por valores e práticas coletivos.

## 5. Referências:

ADAMS, M. V. A escola arquetípica. In: YOUNG-EINSEINDRATH, P.; DAWSON, T (Ed). **Compêndio da Cambridge sobre Jung**. Tradução Cristian Clemente. São Paulo: Madras, 2011.

BADEN-POWELL, R. S. S. **Escotismo para rapazes**: um manual de instrução em boa cidadania por meio das artes mateiras. Edição da fraternidade mundial. Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil. S/d.

\_\_\_\_\_. **O manual do Lobinho**. 4ª ed. Direção Nacional - União dos Escoteiros do Brasil, 1993.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Poder do Mito**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1991.

CHEVALIER, J. GHEBRANT, A. **Dicionário de Símbolos** - Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números. 17ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002.

**Escotistas em Ação** - Ramo Lobinho. União dos Escoteiros do Brasil. 1ª edição. Curitiba. 2011.

GABRIEL, L. C. À guisa de prefácio. In: KIPLING, R. **O Livro da Jângal** - Histórias de Mowgli. Idealização e Coordenação: Martin Claret. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. Rudyard Kipling. In: KIPLING, R. **O Livro da Jângal** – Histórias de Mowgli. Idealização e Coordenação: Martin Claret. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

HENDERSON, J. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 2 ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aion** – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Memórias, sonhos, reflexões**. 15 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.

\_\_\_\_\_. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

**Manual do Escotista** – Ramo Escoteiro. União dos Escoteiros do Brasil. 1ª edição. Curitiba. 2001.

NAGY, L. **250 milhões de escoteiros**. Rio Grande do Sul. Companhia

Rio-grandense de Artes Gráficas. 1987.

NEUMANN, E. **A Criança** - Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação. São Paulo. Editora Cultrix, 1995.

NICHOLS, S. **Jung e o Tarô**: uma jornada arquetípica. São Paulo. Editora Cultrix, 2007.

**POR** - Princípios, Organizações e Regras. União dos Escoteiros do Brasil. 9ª ed. Curitiba. 2008. Disponível em:  
<[http://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos\\_oficiais/por.pdf](http://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos_oficiais/por.pdf)>

da SILVEIRA, N. **Jung** - Vida e Obra. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

STEIN, M. **Jung** - O mapa da alma. São Paulo: 12. Ed. Cultrix, 2006.

Von FRANZ, M. **A Interpretação dos Contos de Fada**. Coleção Amor e Psique. 7ª edição. São Paulo. Paulus, 2008.

## **Anexos**

## Anexo 1 – Mowgli, o menino lobo (Resumo)

Mowgli foi caça de Shere Khan, o tigre manco de nascença. Assim, perdeu-se dos pais humanos e foi parar na caverna dos lobos da alcateia de Seoni, que o criaram como um filho. Recebeu seu nome, que significa “pequena rã”, por ser comparado a um animal pelado. Mas o tigre insistia que havia de matar o menino um dia.

O menino-lobo foi apresentado à alcateia por sua mãe loba Raksha na cerimônia da Roca de Conselho, presidida pelo líder Akela. Era da lei do Jângal que havendo dúvida sobre a aceitação de um novo lobinho, a vida dele pode ser comprada por certo preço. Baloo, o sábio urso com voz ativa no conselho, prometeu ensinar a ele todas as leis e segredos do Jângal. Bagheera, a ágil pantera negra, comprou a vida de Mowgli por um touro que acabara de matar.

O menino cresceu entre os lobos e ajudou seus irmãos o quanto pôde com suas habilidades de homem. Conheceu os Bandar-Logs, bando de macacos desorganizados, sujos, opostos ao modo de vida da alcateia. Os macacos levaram Mowgli à cidade abandonada onde viviam para se aproveitarem de suas habilidades, mas Baloo e Bagheera retiraram o menino de lá com a ajuda de Kaa, a velha e astuta serpente do Jângal, temida por comer os filhotes do bando durante a noite.

Durante uma forte seca, Mowgli ouviu de Hathi, o elefante a que todo o Jângal dava ouvidos, sobre a história de Seoni, às margens do rio Wainganga. Ele contava sobre o tigre: este havia sido o responsável por trazer a morte, por ensinar o homem a matar e por soltar o medo entre os animais. Por este motivo, os cipós das árvores marcaram-no listrado. Agora, havia apenas um dia por ano em que o tigre matava um homem. Era o dia em que o temido tornava-se quem temia.

Akela envelhecia e Shere Khan aproximava-se dos lobos novos para ganhar-lhes a confiança. Chegou o dia em que o líder da alcatéia

errou o bote e então o menino-lobo soube que chegara a um momento decisivo: sem a proteção de Akela, a alcatéia entregaria Mowgli ao tigre.

Mowgli foi, então, à vila dos homens para pegar o que os animais mais temiam: a flor vermelha. Entrou em uma das casas e levou de lá uma tigela com brasas. Na Roca de Conselho, quando a alcatéia declarava apoio a Shere Khan e a decisão da morte de Akela, o menino atirou as brasas à erva seca, criou uma grande chama, declarou-se o senhor da Jângal, proibiu a morte do líder e foi-se para a vila dos homens, prometendo voltar envolto na pele do tigre.

Chegando à aldeia, Mowgli foi acolhido por Messua, uma senhora que perdera um filho levado pelo tigre. Aprendeu a língua dos homens, descobriu como eram tolos e arrogantes e começou a trabalhar pastoreando búfalos. Em uma visita de seu irmão, Lobo Gris, bolou um plano para matar o tigre. No dia em que Shere Khan chegava para matá-lo, estourou duas manadas de búfalos, encurralando e matando o tigre pisoteado. Levou a pele listrada para a alcatéia e voltou a viver no Jângal, mas já havia despertado o ódio dos homens, que achavam que o menino-lobo era um feiticeiro ou alguma espécie de demônio.

Com Kaa, Mowgli conheceu um salão oculto na cidade perdida dos Bandar-Logs, cheio de tesouros em ouro e pedras preciosas, guardado por uma velha naja branca. Falando na língua das cobras, enfrentou a guardiã e, percebendo que esta já não era mais venenosa, levou um agulhão enfeitado com rubis. A cobra branca ainda avisou que o objeto era a morte, mas o menino ignorou-a. Mais tarde, provou-se que o agulhão trazia a morte, pois os homens matavam-se por ele e Mowgli devolveu o objeto à naja branca.

Temendo que o menino-lobo vingasse-se da aldeia, os homens prenderam Messua e seu marido e um caçador saiu à procura de Mowgli. Com a ajuda dos animais do Jângal, o menino libertou os dois. Bagheera ficou no lugar deles na prisão para assustar os homens, que

correram para suas casas. Messua e o marido fugiram para outra vila. Lembrou-se de uma das histórias que ouviu quando morou na vila, que contava que os animais haviam destruído um vilarejo depois que um elefante havia sido ferido e que agora o lugar era uma cidade-perdida.

Mowgli chamou Hathi, o elefante, e seus filhos para destruir este vilarejo também. Todos os comedores de plantas do Jângal foram avisados e juntos acabaram com a plantação dos homens. Quando mais nada sobrara, destruíram as cercas e construções, tornando esta também uma cidade fantasma.

Quando Mowgli estava com cerca de quinze anos, ouviu-se na selva o *pheal*, grito do chacal que avisa sobre perigo iminente. Os *dholes*, raça de lobos vermelhos, vinham em grande bando para conquistar o sul, matando a todos que se pusessem em seus caminhos. O rapaz incitou a alcateia a lutar.

Consultando Kaa, ela mostrou-lhe uma gigantesca fenda nas rochas do Wainganga onde morava o povo miúdo: as abelhas. Com grande astúcia, Mowgli atraiu os cães vermelhos para a fenda. Os que não morreram caindo do precipício ou picados pelas abelhas, morreram em luta contra a alcateia de Seoni ou a faca do rapaz. Nesta batalha morreu Akela. Antes de partir, o líder disse a Mowgli que os homens voltam para os homens, mas o rapaz não queria acreditar.

Mowgli, aos dezessete anos, havia conquistado o posto de senhor do Jângal. Os animais o temiam e andava por onde tinha vontade. Mesmo assim, começou a sentir-se estranho. Estava triste sem motivo aparente. Pensou ter comido veneno. Notou que os animais o chamavam de “homem”, título que não lhe agradava. Ao cutucar com sua faca um búfalo, este lhe disse que fosse contar suas brincadeiras aos homens da aldeia, pois os moradores da selva não tinham aquele comportamento.

Desnorteado, Mowgli procurou a aldeia mais próxima, guiado

pela flor vermelha. Encontrou Messua com um bebê em uma das casas. Foi acolhido por ela e sentiu-se bem por lá. Retornando à Jângal, reuniu a todos na Roca de Conselho, mas apenas seus quatro irmãos lobos, Baloo, Bagheera e Kaa apareceram.

O rapaz pensou no touro que o comprara e a pantera surgiu dizendo que matara outro touro para pagar a dívida da ida de Mowgli para a aldeia. Diante da hesitação nos olhos de Mowgli, que rompia em soluços nos braços de Baloo, Kaa murmurou: “É difícil arrancar a pele”.

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE SAÚDE - CURSO DE PSICOLOGIA**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_ aceito que o (a) menor \_\_\_\_\_, sob minha guarda, participe de uma entrevista sobre suas vivências no ramo Lobinho do Movimento Escoteiro.

Fui informado(a) de que o objetivo desta entrevista é compreender como as crianças vivenciam a história do herói Mowgli, que importância dão a isto e como estas vivências contribuem para seu desenvolvimento. Estou ciente de que a entrevista será conduzida por uma estudante do curso de Psicologia da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), orientada pela Professora Sonia Marques, e que este estudo faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso. Entendo que o menor será entrevistado no local destinado ao ramo lobinho, dentro do grupo escoteiro do qual faz parte, e que a entrevista será acompanhada por um chefe escoteiro ou por mim, estando este critério sob minha escolha. Declaro ter compreendido que a entrevista não oferece nenhum risco de ordem física ou psicológica e que o sigilo e confidencialidade das informações obtidas serão preservados, sendo que a escolha do menor como participante teve como critério ser considerado medianamente interessado nas atividades escoteiras.

Concordo que as narrativas do menor sejam publicadas para fins acadêmicos e científicos, sem alteração ou distorção das palavras, e estou ciente de que a desistência em participar do trabalho poderá ocorrer em qualquer momento, sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo. Declaro ainda que a participação do menor neste trabalho se deu por convite, totalmente livre para aceitação ou recusa.

São Bernardo do Campo, \_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável pelo Participante

Documento: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Aplicador

Documento: \_\_\_\_\_

## Anexo 3 – Entrevistas

### **Lobinha K., 7 anos.**

T.: Há quanto tempo você é uma lobinha?

K.: Deixa eu ver.. Desde os seis anos.

T.: Como é fazer parte do movimento escoteiro?

K.: É legal.

T.: O que tem de legal?

K.: As atividades, alguns lobinhos, alguns escoteiros.

T.: E como é fazer parte da alcateia?

K.: Legal.

T.: O que vocês fazem?

K.: Quando a gente entra é pata tenra, como eu.

T.: O que é um pata tenra?

K.: É quando começa. É o lobinho novo. Aí, quando eu tiver 8 e 9, vou para as outras etapas.

T.: Para que servem essas etapas?

K.: É por causa da idade do lobinho. Vai passando o tempo e vai ganhando.

T.: Como é conviver com os outros da alcateia?

K.: Legal.

T.: Que tipo de coisas vocês fazem?

K.: Atividades, o chefe molha a gente.

T.: Molha? Por que?

K.: Porque estava calor. Faz parte da brincadeira.

T.: E para que servem essas atividades?

K.: Para se divertir. E para ficar cansado.

T.: Por que?

K.: Eles querem que a gente brinque.

T.: Por que eles querem isso?

K.: Eu não sei. Por que sim.

T.: Você fez a cerimônia de promessa?

K.: Sim.

T.: E como foi?

K.: Legal.

T.: O que aconteceu neste dia?

K.: Meus pais, minha prima, vieram me cumprimentar e foi muito legal.

T.: Por que isso foi legal?

K.: Porque você fala e já é um lobinho mais velho, que tem lenço. Os mais novos respeitam.

T.: Por que?

K.: O lobinho de lenço tem que cuidar dos novos lobos, porque eles fazem coisa errada, um machuca o outro, tem que ajudar.

T.: Ajudar como?

K.: Tem que falar que não pode, que machuca, que o chefe briga.

T.: O lobinho que tem lenço sabe mais?

K.: Os que não tem lenço fazem bagunça, mexem com pau, se machucam.

T.: Eles não sabem que é perigoso?

K.: Não. Ainda não.

T.: O que significa ganhar o lenço?

K.: Não sei.

T.: Você gostou de ganhar o seu?

K.: Sim.

T.: Na promessa você promete o que?

K.: É assim: primeiro tem que falar as leis do lobinho (recita as leis, mas não lembra a ordem).

T.: Por que os lobinhos tem leis?

K.: Para obedecer o chefe.

T.: Quem não conhece as leis não obedece?

K.: Não.

T.: Por que será que os lobinhos tem leis?

K.: Não sei.

T.: E por que precisa obedecer o chefe?

K.: Para poder participar dos jogos, das brincadeiras, ouvir as histórias...

T.: Que tipo de histórias?

K.: Do Mowgli.

T.: Você já ouviu as histórias do Mowgli?

K.: Já.

T.: O que você gosta nas histórias dele?

K.: Gosto quando ele vai caçar. Não! Gosto mais dos Badar-logs.

T.: Por que?

K.: Eles ficam macacando por aí, ficam se mexendo para lá e para cá.

T.: Isso é legal?

K.: É.

T.: Por que?

K.: Porque eu também gosto de me mexer.

T.: E o Mowgli? Como ele é?

K.: Legal.

T.: Ele é um menino comum?

K.: Não!

T.: O que ele tem de diferente?

K.: Ele é um lobo.

T.: Um lobo de verdade?

K.: Não! Ele fica lobinho e pessoa ao mesmo tempo.

T.: Como?

K.: Eu não sei.

T.: Você se parece com Mowgli, de alguma forma?

K.: Não.

T.: Não se parece em nada?

K.: Em nada.

T.: E com que personagem você é mais parecida?

K.: Nenhum.

T.: Nenhum?

K.: Ah, sim! Os Bandar-logs! Eu sou uma macaquinha porque me mexo muito. E pego as coisas com o pé.

T.: Como você aprendeu a pegar coisas com o pé?

K.: Com meu pai. Ele também faz isso.

T.: E os bandar-logs fazem isso?

K.: Fazem, porque eles são macacos.

T.: É difícil ser lobinha?

K.: Não.

T.: Tem alguma coisa que é difícil na alcateia?

K.: Tem a promessa, as leis.

T.: Por que essas coisas são difíceis?

K.: Porque tem que aprender. Tem que treinar muito para lembrar no dia da promessa.

T.: Tem mais alguma coisa difícil?

K.: Tem alguns lobinhos.

T.: O que eles tem de difícil?

K.: Tem alguns que são bagunceiros.

T.: Bagunceiros como?

K.: Mexem nas coisas que não pode, não prestam atenção.

T.: Por que são assim?

K.: Eu não sei.

T.: Você quer me contar mais alguma coisa?

K.: Não.

### **Lobinho A., 8 anos.**

T.: Há quanto tempo você é um lobinho?

A.: Eu entrei com seis anos.

T.: Como é fazer parte do movimento escoteiro?

A.: É muito difícil.

T.: Por quê?

A.: O pai tem que fazer a inscrição, tem que arrumar a roupa. Fazer as atividades é difícil.

T.: Por que as atividades são difíceis?

A.: Algumas são, como o futebol de caranguejo. É difícil fazer, mas é legal.

T.: Você gosta dessas atividades?

A.: Sim.

T.: E como é fazer parte desse grupo todo, com lobinhos, escoteiros e chefes?

A.: É legal.

T.: Por quê?

A.: Cada vez você vai para um lugar, cada vez ganha amigos.

T.: Você já fez muitos amigos assim?

A.: Já.

T.: E como eles são?

A.: São muito legais. Todos ficam juntos, cuidando um do outro. Todo mundo junto aqui é como uma família.

T.: Como é ser um lobinho?

A.: É muito divertido.

T.: O que vocês fazem que é divertido?

A.: De verdade, a gente faz qualquer coisa. Até acampamento. Tem que falar palavras para o chefe, tem que ter muita prática.

T.: Que tipo de prática?

A.: Fazer kaa, que é a fila. Tem que correr quando o chefe chama "lobo lobo lobo", seguir o chefe.

T.: E para que servem essas coisas?

A.: Eu... Eu não sei.

T.: Mas é legal fazer isso?

A.: É. Meu pai é um chefe. Chefe dos escoteiros.

T.: E como é ter um pai chefe?

A.: É legal. Meu irmão e minha irmã também são escoteiros.

T.: O que um chefe faz?

A.: Ele que sabe as coisas que os lobinhos e os escoteiros tem que fazer.

T.: Por que é ele que sabe?

A.: Porque eles são mais velhos.

T.: Que mais os chefes fazem?

A.: Dão as atividades. Muitas coisas.

T.: E para que servem essas coisas?

A.: É para se divertir.

T.: Só para isso?

A.: É.

T.: E o que mais vocês fazem?

Olha: quando a gente entra, tem que fazer a promessa.

T.: Você fez promessa?

A.: Sim.

T.: Como foi?

A.: Foi muito impressionante.

T.: O que foi impressionante?

A.: Todo mundo tem que ficar preparado, aí pedir para fazer promessa. Ganhar o lenço. O melhor é o birô. Depois vai ganhando as coisas (mostra o uniforme e os distintivos).

T.: O que são significam essas coisas no seu uniforme?

A.: É o símbolo da alcateia, a cor da minha matilha, o birô que é de todos os lobinhos e escoteiros, o lobinho do nível. Quando passa de nível, ganha um lobinho diferente.

T.: O que significa esse lobinho?

A.: É que um dia o lobinho vira escoteiro, e para isso tem que passar os níveis. E tem os outros distintivos.

T.: O que significam estes outros?

A.: São as especialidades. Mostram o que você já sabe fazer. E agente aprendeu a costurar os distintivos.

T.: Você costura seus próprios distintivos?

A.: Sim. O chefe ajuda.

T.: Você gosta disso?

A.: Sim.

T.: E o que significa ficar preparado?

A.: Eu... Eu não sei direito. É quando quer fazer a promessa e aí pede pro chefe.

T.: Quando você fez a promessa, como foi com os outros?

A.: Para mim, foi na frente de todo mundo.

T.: Isso foi legal?

A.: Sim. Eu gostei.

T.: Como você se sentiu sendo um lobinho novo dessa alcateia?

A.: Bem legal. Agora sou velho, já.

T.: Já é velho?

A.: Sim.

T.: Como é ser um lobinho velho?

A.: Tem que ajudar pra os novos correrem atrás dos velhos e aprenderem as coisas.

T.: O que eles tem que aprender?

A.: Tudo. Eles são novos, então ainda não sabem.

T.: É difícil lidar com os novos?

A.: Não.

T.: Tem alguma coisa difícil em ser um lobinho?

A.: Não. Às vezes confunde o que chefes falam, mas depois eles explicam.

T.: E o que mais?

A.: Olha: em vez de ser um professor normal, o Baloo é o nosso professor.

T.: O que ele ensina?

A.: Tudo. Lei, promessa.

T.: O que é a lei?

A.: É um tipo de regra. O lobinho ouve sempre os velhos lobos, o lobinho pensa primeiro nos outros, o lobinho abre os olhos e os ouvidos, o lobinho está sempre limpo e alegre, o lobinho diz sempre a verdade. São regras.

T.: E para que servem as leis do lobinho?

A.: Não sei para que, mas é difícil. O Baloo que ensina isso.

T.: Quem é o Baloo?

A.: É o urso da história do Mowgli.

T.: Você já ouviu as histórias do Mowgli?

A.: Já. Tenho o DVD, também, mas gosto muito do canal Gloob, onde passa "O Livro da Selva", que é igualzinho da nossa história.

T.: No DVD não é tão parecido?

A.: Não.

T.: Você gosta das histórias do Mowgli?

A.: Sim.

T.: O que elas tem de legal?

A.: Tudo.

T.: Que parte você gosta mais?

A.: Gosto quando Mowgli engana o Shere-Khan, o tigre que queria matar ele.

T.: Porque essa parte é legal?

A.: Ele fingiu que foi para um lado, mas aí foi para o outro e o tigre caiu lá em baixo. Baloo e Bagheera ajudaram o Mowgli.

T.: Quem são Baloo e Bagheera?

A.: Baloo nos ensina as coisas. Bagheera é a onça preta. Eles são os amigos que ajudam o Mowgli. E o mais importante dessa história é a Kaa. Ela está sempre com fome, come os Bandar-Logs e tem olhos que hipnotizam. Os Bandar-Logs são o povo sem lei. São bagunceiros. Pegaram o Mowgli para ser escravo deles!

T.: Por que eles são bagunceiros?

A.: Porque são o povo sem lei.

T.: Quando não tem lei é bagunceiro?

A.: É. Eles são macacos que não sabem nada. Não tem cérebro.

T.: E os lobinhos?

A.: Os lobinhos não são bagunceiros. Eles tem lei.

T.: Como é o menino Mowgli?

A.: É igual uma criança.

T.: Uma criança normal?

A.: Normal. Mas ao invés de calça, ele usa folhas. Por que ele mora na selva.

T.: Você se acha parecido com ele?

A.: Não. Eu já fui Mowgli. Os lobinhos novos são o Mowgli. E os outros são lobos velhos. Os velhos tem que gostar dos lobos novos. Quanto mais tempo na nossa família, mais legal.

T.: Por que?

A.: Porque faz mais amigos. Olha: aqui do lado ficam os escoteiros.

T.: Como um lobinho vira escoteiro?

A.: Tem que ter dez anos. Depois vira sênior e depois chefe. É uma ordem. De menor para o maior. E o maior cuida do menor.

T.: Como vocês cuidam um do outro na alcateia?

A.: O mais velhos cuidam dos outros, e o chefe também cuida.

T.: Por que cuidam uns dos outros?

A.: Eu não sei.

T.: Com qual personagem das história do Mowgli você acha que é mais parecido?

A.: Acho que os lobos.

T.: Por que?

A.: Pelas cores dos lobos, que a gente também tem, e os lobinhos mais novos junto

com os mais velhos.

T.: Tem mais alguma coisa que você gostaria de contar sobre ser um lobinho?

A.: Sim. Os lobinhos cuidam das árvores e dos animais.

T.: Por que?

A.: Eu não sei. Porque os lobinhos são assim.

T.: É legal cuidar dos animais e das plantas?

A.: Sim.

T.: Por que?

A.: Imagina só: sentar aqui e não ver mais nenhuma árvore.

T.: E como seria?

A.: Não teria fruta, não teria abrigo para os animais.

T.: Como os lobinhos fazem para cuidar dos animais e das plantas?

A.: É só não maltratar eles.

T.: Tem mais alguma coisa que você gostaria de contar sobre ser um lobinho?

A.: Acho que era isso.

## **Lobinha I., 9 anos.**

T.: Faz quanto tempo que você está no movimento escoteiro?

I.: Um ano e meio... Acho que uns dois anos.

T.: E como é fazer parte do movimento escoteiro?

I.: É legal. Bem divertido.

T.: Por que é legal?

I.: Porque agente faz novas amizades, tem brincadeiras.

T.: Que tipo de brincadeiras?

I.: Jogos, atividades.

T.: E para que servem essas coisas?

I.: Para se divertir.

T.: Só para isso?

I.: Acho que sim.

T.: E como é ser uma lobinha?

I.: É bom, porque os escoteiros mexem no barro, em bichos nojentos.

T.: Então é melhor ser lobinha do que ser escoteira?

I.: É melhor porque, se eu fosse escoteira, não ia saber como é ser lobinha.

T.: É importante ter a experiência de ser lobinha?

I.: Sim. O lobinho aprende a amarrar a bandeira. Os escoteiros já tem que saber essas coisas.

T.: Então ser lobinho é uma preparação para ser escoteiro?

I.: Sim. Acho que é isso.

T.: E como é fazer parte da alcateia?

I.: Legal. É muito feliz.

T.: Muito feliz?

I.: É. Tudo o que a gente faz é feliz.

T.: Feliz como?

I.: A gente fica feliz fazendo atividade.

T.: Por que?

I.: Porque a gente brinca e conhece pessoas.

T.: Por que você se sente feliz conhecendo as pessoas?

I.: Ah... É difícil essa pergunta. Eu não sei.

T.: E que tipo de atividades vocês fazem?

I.: Ah, muitas coisas. A gente brinca, joga, se diverte.

T.: Como foi quando você entrou na alcateia?

I.: Eu tinha muita vergonha dessa roupa [*refere-se ao uniforme*]. Eu vinha de ônibus para cá e todo mundo me olhava como se eu fosse um E.T.

T.: Você sentia vergonha por ser diferente?

I.: Sim.

T.: Por que?

I.: Eu não sei. Só não gostava que me olhassem.

T.: E hoje, você ainda tem vergonha?

I.: Hoje não. Agora eu acho legal.

T.: Por que?

I.: Porque eu gosto. Se alguém pergunta alguma coisa, aí eu digo que sou lobinha.

T.: Então as pessoas que não conhecem os escoteiros ficam curiosas?

I.: É.

T.: Por que será?

I.: Porque é diferente.

T.: É bom ser diferente?

I.: Acho que sim.

T.: Por que?

I.: Ah... Eu não sei. Não sei dizer.

T.: Como foi o começo na alcateia?

I.: Foi difícil.

T.: Por que?

I.: Por que a menina que é minha melhor amiga hoje não tinha vindo naquele dia.

T.: E você não fez amizades rápido com outras crianças?

I.: Não. Primeiro eu fiquei amiga dela. Depois eu conheci os outros.

T.: E agora? Como é com seus amigos lobinhos?

I.: Muito bom. Todo mundo aqui se dá bem. Sempre tem uns que brigam, mas depois fica tudo bem.

T.: Você se sente diferente por ser lobinha?

I.: Mais ou menos.

T.: Em que você é diferente das outras crianças?

I.: A gente brinca mais. Na escola não dá para brincar tanto. Eu chamei uma amiga da escola para vir aqui. Ela gostou, mas a mãe dela não deixou ela parar de fazer inglês, então não dava para fazer as duas coisas. Um menino bagunceiro da minha escola achou que eu era uma loba de verdade. Aí eu expliquei o que era e ele achou que era chato porque tinha que estudar.

T.: E aqui tem que estudar?

I.: Não! Aqui é como se fosse uma escola que tem mais educação física.

T.: Os lobinhos aprendem coisas?

I.: Algumas coisas. Sobre a natureza, por exemplo. Hoje veio uma chefe da tropa escoteira falar sobre os dentes.

T.: Você gosta disso?

I.: Gosto muito.

T.: Por que?

I.: Sei lá. Eu gosto.

T.: Todos os lobinhos gostam de aprender essas coisas?

I.: Acho que sim.

T.: E como se faz para se tornar um lobinho?

I.: É só vir aqui, e depois fazer a promessa.

T.: O que é a promessa?

I.: É quando o lobinho fala a promessa [procura o quadro da parede em que está escrita a promessa do lobinho]. Aí ele fala a promessa e tem que cumprir.

T.: Você fez a promessa?

I.: Sim.

T.: Como foi?

I.: Fiquei com vergonha porque estava todo mundo me olhando.

T.: Como você se sentiu?

I.: Muito feliz.

T.: Por que?

I.: Porque eu consegui.

T.: Conseguiu o que?

I.: Consegui fazer a promessa.

T.: E como se faz para conseguir?

I.: Tem que fazer as atividades e mostrar que quer ser um lobinho.

T.: Como se mostra isso?

I.: Tem que ter vontade de aprender, se esforçar para ser responsável.

T.: Como se mostra vontade de aprender e responsabilidade?

I.: Tem que se esforçar.

T.: É difícil isso?

I.: Eu não acho.

T.: Qual é a importância de fazer a promessa?

I.: Depois da promessa pode fazer coisas.

T.: Que tipo de coisas?

I.: Pode subir no mezanino (mostra o andar de cima da alcateia).

T.: E qual é a importância de fazer essas coisas?

I.: São as coisas que os lobinhos que tem promessa fazem.

T.: Por que só quem faz a promessa pode subir no mezanino?

I.: Acho que é para ficar um mistério, meio emocionante.

T.: O que você acha de ter um mistério?

I.: É legal.

T.: O que você achava disso antes de fazer a promessa?

I.: Eu ficava curiosa para saber o que os outros estavam fazendo.

T.: E depois que te aceitaram na alcateia?

I.: Fiquei feliz porque pensaram em mim.

T.: Como você se sentiu com isso?

I.: Feliz. Muito feliz. Conquistei uma coisa e fiquei com o uniforme igual ao dos outros, com distintivos. Olha só agora: não cabe quase mais nenhum distintivo (mostra o uniforme com vários distintivos), porque já sou uma das mais velhas.

T.: E como é ser uma das mais velhas e lidar com os menores?

I.: É difícil. Eles ainda não sabem obedecer e eu tenho que ficar falando que vou contar para o chefe.

T.: Por que será que eles ainda não sabem obedecer?

I.: Porque eles são mais novos e bagunceiros.

T.: E você era assim também?

I.: Um pouco. Mas eu já aprendi a prestar atenção no que o chefe diz.

T.: Como você aprendeu?

I.: Ouvindo eles.

T.: O que os chefes são?

I.: São as pessoas que temos que obedecer.

T.: Por que vocês precisam obedecê-los?

I.: Porque eles são mais velhos e brigam quando a gente não faz as coisas direito.

T.: Por que os mais velhos mandam nos mais novos?

I.: Os mais velhos são mais respeitados. Os adultos também me respeitam, mas eu respeito mais.

T.: Por que eles são mais respeitados?

I.: Porque eles já sabem bastante coisa.

T.: Como os adultos te respeitam?

I.: Ajudando, conversando.

T.: Tem algo difícil em ser lobinho?

I.: Tem as leis. Algumas vezes precisa pensar em duas leis ao mesmo tempo. Aí é difícil.

T.: Você consegue fazer isso?

I.: As vezes. Quase sempre.

T.: As vezes não?

I.: É. Depois eu penso um pouco e consigo.

T.: E qual é a importância dessas leis?

I.: Para ser um lobinho precisa seguir as leis. Tem elas aqui (mostra um quadro com as leis).

T.: Por que o lobinho precisa seguir essas leis?

I.: Porque os lobinhos não podem fazer só o que querem, senão eles não fazem nada.

T.: Por que os lobinhos não fazem nada sem as leis?

I.: Porque eles ainda não sabem fazer as coisas, e as leis falam como tem que fazer.

T.: Por que vocês se chamam lobinhos?

I.: Por causa da história do Mowgli, que ele vai morar com os lobinhos.

T.: Você já ouviu as histórias do Mowgli?

I.: Sim.

T.: O que você mais gosta nessas histórias?

I.: Do Baloo ensinando as leis para o Mowgli.

T.: Por que?

I.: Porque os lobinhos mais novos que ainda não sabem as leis ouvem a história e entendem.

T.: Eles aprendem as leis através da história?

I.: Eles entendem por que precisa das leis.

T.: Por que?

I.: Porque na selva precisa das leis para viver com os outros.

T.: Serve para o mesmo que a lei do lobinho?

I.: É.

T.: E o que mais te chama a atenção nas histórias do Mowgli?

I.: O filme é legal, mas os chefes contam por partes, de um jeito mais legal, com mais partes.

T.: O que você acha do Mowgli?

I.: Ele é diferente. Ele é da Índia.

T.: É diferente dos outros meninos?

I.: Ele não sabe muitas coisas.

T.: Por que?

I.: Porque ele ainda está aprendendo.

T.: E os outros meninos não aprendem coisas?

I.: Aprendem, mas o Mowgli tem que aprender as coisas da selva.

T.: Que coisas?

I.: Tudo. Caçar, viver...

T.: E o que ele tem de igual a outros meninos?

I.: Ele parece com meu amigo que vive perguntando de tudo.

T.: Mowgli pergunta muito?

I.: É. Ele quer saber de tudo.

T.: Por que?

I.: Porque ele é muito curioso para aprender as coisas da selva.

T.: Para quem ele pergunta?

I.: Para os outros bichos.

T.: E eles respondem?

I.: Sim.

T.: Com qual personagem das histórias do Mowgli você é mais parecida?

I.: Acho que com o Mowgli, mesmo.

T.: Em que você se parece com o Mowgli?

I.: Eu também gosto de animais e pergunto muito. Mas a gente precisa perguntar para aprender. Eu pergunto para os meus pais, meu irmão, minha professora, os chefes.

T.: Você vai ser lobinha para sempre?

I.: Não. Eu vou virar escoteira quando fizer onze anos.

T.: Como você acha que vai ser quando virar escoteira?

I.: Não sei. Meu irmão contou de um lobinho que virou escoteiro e foi para o acampamento. Ele não sabia que tinha que armar a própria barraca e fazer a comida, aí os outros tiveram que ajudar ele. Mas é normal porque ele está

aprendendo.

T.: Você quer me contar mais alguma coisa sobre ser uma lobinha?

I.: Não. Já falei bastante.

### **Lobinho V., 10 anos.**

T.: Há quanto tempo você está no movimento escoteiro?

V.: Deixa eu ver... Três anos, eu acho. Desde que eu tinha sete.

T.: Como é fazer parte do movimento escoteiro?

V.: É legal. A gente brinca, se diverte.

T.: Como vocês se divertem?

V.: Com jogos, músicas, brincadeiras. Também aprendemos coisas.

T.: Que coisas vocês aprendem?

V.: As leis do lobinho, respeitar a natureza, acampar...

T.: E para que servem essas coisas?

V.: Acampar é para se divertir, ir para o mato conhecer a natureza e aprender a respeitar. As leis servem para a gente saber como os lobinhos tem que ser.

T.: Como devem ser os lobinhos?

V.: Leais, amigos, cuidar dos animais e das plantas, respeitar o chefe.

T.: E você é assim?

V.: Sou. Quase sempre, né? [risos]

T.: Quase sempre?

V.: É. Quando eu era menor eu zoava mais. Mas eu aprendi como é ser um lobinho.

T.: E como é?

V.: É fazer atividades, conseguir etapas.

T.: Como são essas etapas?

V.: Tem o pata-tenra, o rastreador... Não. Depois do pata-tenra vem o saltador, o rastreador e o caçador. O caçador é o último antes de ser escoteiro.

T.: E como se conquistam essas etapas?

V.: É por ano, mas o chefe dá a etapa quando você mostra que é um bom lobinho, que sabe as leis, que ajuda os outros. E tem os que são primos. Eu sou primo. E tem os segundos, que ajudam os primos.

T.: O que é ser um primo?

V.: O primo é o mais velho da matilha. Tem que organizar a matilha e ensinar os mais novos.

T.: E como é ser o mais velho?

V.: É bom, mas os mais novos não ouvem muito.

T.: Como você lida com eles?

V.: Vou vendo o que fazer, conversando, chamando a atenção deles para prestarem

atenção nos chefes.

T.: É difícil fazer isso?

V.: É fácil. Mas era mais legal quando eu era mais novo.

T.: Por que?

V.: Porque dava para zoar mais. Eu tinha menos juízo [risos].

T.: Agora não dá para zoar?

V.: Não muito. Tem que ser o melhor e lidar com tudo, ser responsável.

T.: É ruim ser responsável?

V.: Não. Dá mais trabalho, mas o chefe confia mais, porque os primos sabem o que pode e o que não pode fazer.

T.: Como você aprendeu a ser responsável?

V.: Algumas coisas eu aprendi sozinho, vendo os mais velhos. Outras coisas o chefe ensina.

T.: Os chefes ensinam os lobinhos a serem responsáveis?

V.: Não. Mas eles escolhem os mais responsáveis para serem primos.

T.: O que os chefes fazem na alcateia?

V.: Eles passam atividades, brincadeiras, ensinam as leis, levam a gente para acampar. Também chamam para conversar quando alguém não está se comportando direito.

T.: São como professores?

V.: Acho que não. É diferente. Os chefes são mais amigos. Amigos mais velhos, porque eles só conversam e dão atividades.

T.: Que tipo de conversa eles tem com vocês?

V.: Sobre muitas coisas. Hoje o Akela falou do bullying, que não pode ofender as pessoas nem fazer chantagens, e coisas assim.

T.: E as atividades? Como são?

V.: São brincadeiras, jogos.

T.: Para que servem essas brincadeiras?

V.: Acho que para divertir, mesmo. Gosto quando agente joga queimada, que tem que ser leal.

T.: O que é ser leal?

V.: É ser verdadeiro. Os lobinhos tem que ser leais.

T.: Por quê?

V.: Porque tem uma lei que o lobinho diz sempre a verdade.

T.: É difícil fazer isso?

V.: Não. Eu acho fácil.

T.: E como alguém faz para se tornar um lobinho?

V.: Os pais tem que falar com o diretor e aí tem que vir alguns dias para ver se gosta. Se quiser ser um lobinho mesmo, aí tem que fazer a promessa.

T.: O que é a promessa?

V.: É o dia que ganha o lenço, que os outros lobinhos e os chefes decidem se você pode ser da alcateia. Aí você vai na frente da bandeira e promete fazer o melhor possível e obedecer a lei do lobinho.

T.: Como foi o dia da sua promessa?

V.: Foi bem emocionante.

T.: Por que?

V.: Porque eu me tornei um lobinho de verdade.

T.: O que isso significa?

V.: Significa que te aceitaram e que agora tem que aprender várias coisas, e passar as etapas.

T.: O que mudou por você ter feito a promessa?

V.: Eu comecei a ser mais leal, entendi o que era isso, comecei a ser respeitado, ter outros amigos.

T.: Por que você começou a ser respeitado?

V.: Porque eu era da alcateia.

T.: Os amigos aqui são diferentes dos amigos que não são lobinhos?

V.: Sim. Aqui eles respeitam bem mais.

T.: Por que?

V.: Não sei dizer. Eles tratam diferente.

T.: Diferente como?

V.: Não sei. Mas é melhor porque a gente é unido e não fica tentando enganar os outros. Todo mundo se ajuda.

T.: E como é fazer parte da alcateia?

V.: É bom. Agente aprende coisas sobre a vida, respeitar os mais velhos. Também tem as histórias do Mowgli.

T.: Você já ouviu as história do Mowgli?

V.: Sim. Já ouvi várias.

T.: E o que você mais gosta nas histórias dele?

V.: Da companhia do Baloo e da Bagheera.

T.: Por que?

V.: Porque eles são amigos, sabem muitas coisas e ensinam para o Mowgli.

T.: Que tipo de coisas eles ensinam ao Mowgli?

V.: Baloo ensina as leis, Bagheera ensina a caçar.

T.: E qual é a importância disso para o Mowgli?

V.: Ele tem que aprender as coisas da vida.

T.: Coisas da vida?

V.: É. Coisas que tem que saber para viver na Jângal.

T.: Qual parte da história você gosta mais?

V.: Gosto quando o Baloo salva o Mowgli do Shere-khan.

T.: O que acontece nessa parte?

V.: O Baloo fala para os lobinhos que o vai cuidar do Mowgli para ele poder ficar com os lobos.

T.: Por que você gosta dessa parte?

V.: Não sei. Dá um pouquinho de medo, mas depois ele vive muitas aventuras. É igual quando agente entra na alcateia: todo mundo fica em volta.

T.: Essa parte da história é parecida com o dia da promessa?

V.: É quase igual. Porque os chefes falam e os lobinhos escolhem se você vai ficar na alcateia.

T.: Que mais há na história do Mowgli que você acha interessante?

Tem uma parte que é do filme, quando Baloo está cantando com o Mowgli, nadando e ensinando as coisas.

T.: Por que isso chama sua atenção?

V.: Porque o Baloo é divertido, mas também é bravo. E ele faz tudo cantando.

T.: Os chefes são assim?

V.: Mais ou menos. Eles também cantam com a gente. Mas não fica falando bobagens para o Baloo como o Mowgli faz.

T.: Bobagens?

V.: É. Ele fala que o Baloo é bobo, é gordo. O Baloo fica bravo, mas continua ensinando as leis da Jângal.

T.: O que acha do menino Mowgli?

V.: Ele é engraçado e vive muitas aventuras.

T.: Que aventuras?

V.: Um monte. Tem com os bandar-logs, e a Kaa, que salva ele. A Bagheera e o Baloo também salvam ele porque ele sempre faz umas coisas erradas.

T.: Erradas?

V.: É. De desobedecer. Aí eles salvam ele e o Mowgli aprende a se comportar.

T.: Você tem algo parecido com o Mowgli?

V.: Não sei. Acho que as vezes também sou mal educado com os mais velhos, mas depois peço desculpas.

T.: O que o Mowgli tem de diferente dos lobinhos?

V.: [Demora bastante para responder] Eu não sei falar. Acho que é porque ele vive na selva. Só isso.

T.: As aventuras dos lobinhos são como as do Mowgli?

V.: Um pouco, porque a gente também vai pro mato, e tem as músicas e é divertido.

T.: Com qual personagem da Jângal você é mais parecido.

V.: Acho que é o Mowgli, mesmo. Porque os outros personagens são mais velhos, e

também por causa das aventuras.

T.: Você é diferente de outras crianças por ser um lobinho?

V.: Acho que sim porque eu sei respeitar mais. Alguns amigos meus sabem que sou lobinho e acham que é só ir pro mato. Mas não é só isso porque agente aprende um monte de coisas.

T.: Você vai ser sempre um lobinho?

V.: Não! Eu vou fazer aniversário e virar escoteiro. Já fiz até um acampamento com eles.

T.: T.: E como foi fazer atividade com os escoteiros?

V.: Foi muito legal. Eu vi como eles se organizam, em patrulhas. Aprendi a fazer comida mateira e montar a barraca.

T.: As leis do escoteiro são iguais às do lobinho?

V.: Parecidas. Mas é para fazer as mesmas coisas, de ser leal e ajudar o próximo.

T.: Em que eles são diferentes dos lobinhos?

V.: Sim. Bastante. Tem bem mais etapas. E eles trabalham mais, o chefe não ajuda muito.

T.: Por que será que o chefe não ajuda tanto os escoteiros?

V.: Acho que é porque eles já são mais velhos e responsáveis. Já foram primos e o chefe pode confiar. Eles conseguem fazer mais coisas sozinhos.

T.: Você quer ir logo para a tropa escoteira?

V.: Sim.

T.: Será que você vai ter saudades da alcateia?

V.: Não! Nenhuma. É boa a alcateia, mas eu vou ter mais amigos da minha idade na tropa.

T.: O que você sente quando pensa em sair da alcateia?

V.: Sinto que quero ir logo para a tropa. Tenho muitos amigos que já viraram escoteiros.

T.: Você quer me contar mais alguma coisa sobre ser um lobinho?

V.: Não. Acho que eu já falei tudo.

## **Escoteiro A., 10 anos.**

T.: E há quanto tempo você é escoteiro?

A.: Um mês.

T.: Durante quanto tempo você foi um lobinho?

A.: Durante quatro anos.

T.: Como é fazer parte do movimento escoteiro?

A.: É bem legal. A gente aprende coisas novas, como não poluir ambiente, ajudar o mundo...

T.: Para que serve aprender essas coisas?

A.: Para ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião.

T.: E o que isso significa?

A.: É da lei do escoteiro.

T.: Por que o escoteiro tem lei?

A.: Para se organizar. Para saber como fazer as coisas.

T.: E por que isso é importante?

A.: Porque sem lei as pessoas ficam desorganizadas, fazem coisas que prejudicam a natureza, essas coisas.

T.: O que mais chama sua atenção no movimento escoteiro?

A.: As roupas, principalmente.

T.: Por que as roupas?

A.: É bonito. Tem a azul, dos lobinhos, e este dos escoteiros.

T.: E para que serve?

A.: Pra diferenciar os ramos.

T.: Por que é preciso diferenciar os ramos?

A.: Para não se confundirem durante as atividades.

T.: E quando você está fora do grupo escoteiro, como é usar uniforme?

A.: As pessoas acham atraente, ficam olhando.

T.: Por que será que o uniforme escoteiro chama a atenção das pessoas?

A.: Acho que é porque gostam, porque é diferente.

T.: Como era ser um lobinho?

A.: Era bem legal.

T.: Como era?

A.: Tinha as atividades, os acampamentos.

T.: Como eram essas atividades?

A.: Eram sobre a Jângal.

T.: O que é a Jângal?

A.: É a floresta, onde um dia uma criança se perdeu. Lá ela encontrou Baloo, Kaa e a pantera negra.

T.: Quem é esta criança?

A.: É o Mowgli.

T.: Você ouviu as histórias de Mowgli na alcateia?

A.: Sim.

T.: O que mais chamava sua atenção nestas histórias?

A.: Ele se perder na selva e se encontrar com lobos.

T.: Por que?

A.: Porque ele se envolve com animais, o que é difícil na vida real.

T.: E o que acontece com ele, vivendo entre os animais?

A.: Ele aprende muitas coisas, vive aventuras.

T.: Que tipo de aventuras?

A.: É como os lobinhos. Ele entra para a alcateia, tem os chefes, aprendem várias coisas, convive com os animais, cuida da natureza.

T.: O que você acha do personagem Mowgli?

A.: Engraçado.

T.: Engraçado?

A.: É. Ele fazia brincadeiras, piadas. Também era legal com animais, e não era competitivo. Só queria mesmo fazer amizades, descobrir as coisas da selva.

T.: Por que ele queria isso?

A.: Acho que é porque ele é curioso.

T.: Você se achava parecido, de alguma forma, com o Mowgli?

A.: Todo mundo na alcateia parece um pouco com ele.

T.: Por que?

A.: Porque todos seguem o mesmo ritmo, as mesmas atividades, ajudam o próximo, cuidam da natureza.

T.: Por que será que na alcateia todos seguem o mesmo ritmo?

A.: Acho que é porque todo mundo é igual, tem que passar pelas mesmas etapas para crescer e se tornar um escoteiro.

T.: Que etapas são essas?

A.: Primeiro tem que fazer a promessa.

T.: E o que é a promessa?

A.: É o dia que se torna um lobinho de verdade. Ou escoteiro, depende da idade.

T.: E o que isso significa?

A.: Prometer para o resto da vida ajudar os outros e dar seu melhor.

T.: E qual é a importância disso?

A.: É contribuir com o mundo e ser irmão dos outros. Isso é bom para todo mundo, fazer as coisas juntos e se preocupar com os outros.

T.: Havia algo difícil em ser um lobinho?

A.: A convivência com os outros, principalmente nos acampamentos. Alguns choravam no primeiro acampamento.

T.: Você chorou alguma vez?

A.: Chorei no primeiro.

T.: Por que? Qual é a sensação de acampar pela primeira vez?

A.: Dava medo de estar sem meus pais, mas ao mesmo tempo era muito bom estar com os amigos e os chefes, em um lugar diferente, bonito, no meio do mato.

T.: E como são os acampamentos dos escoteiros?

A.: É parecido, mas um pouco diferente. É mais difícil, mas é divertido fazer as coisas sozinho, dormir em barraca.

T.: Os acampamentos de lobinhos não são assim?

A.: Os lobinho dormem em quartos ou lugares fechados porque eles tem mais medo e ainda não sabem se cuidar sozinhos.

T.: Como era passar as etapas de lobinho?

A.: É como ganhar níveis no videogame. Tem quatro níveis, que é um por ano. Tem as especialidades, até conquistar o cruzeiro do sul.

T.: O que é cruzeiro do sul?

A.: É o nível máximo de um lobinho. Eu tenho, olha só.

T.: O que ganhar o cruzeiro do sul significa?

A.: Que você prestou atenção, ajudou os outros, fez especialidades. E geralmente quem ganha o cruzeiro do sul é o primo, o mais velho da matilha.

T.: Você foi primo?

A.: Sim.

T.: E como foi ser primo?

A.: É como comandar um navio.

T.: E como é?

A.: Tem que carregar os outros. O primo é o primeiro, que leva os próximos e vê se eles estão fazendo as coisas direito.

T.: Isso é bom?

A.: É, mas tem gente que não acostuma.

T.: Por que?

A.: Porque é legal com os mais novos, mas as vezes é difícil por ter que ensinar, ter paciência com os mais novos. Mas é legal porque eles te respeitam. Eu gostei muito!

T.: Como você se sentiu quando se tornou o lobinho mais velho de toda a alcateia?

A.: Foi legal. Como se eu fosse o mais esperto. Igual aos outros, só que mais velho.

T.: Você ouviu a última história do Mowgli?

A.: Ouvi.

T.: O que ela conta?

A.: Eles vendem um boi para devolver o Mowgli para os homens.

T.: Por que?

A.: Porque Baloo e Bagheera dão um boi para a alcateia, assim eles aceitaram o Mowgli. Aí eles deram outro para ele sair.

T.: E por que ele teve que voltar para os homens?

A.: Por que aquele não era seu lugar.

T.: Seu lugar era onde?

A.: Era com os homens, porque ele também era homem.

T.: E ele queria voltar?

A.: No começo não, mas voltou. Baloo ajudou ele a ir.

T.: Como Baloo ajudou ele?

A.: Conversou com ele, aí o Mowgli entendeu que seu lugar era com os homens.

T.: Como foi o dia em que você deixou a alcateia e se tornou escoteiro?

A.: Foi difícil me despedir, aí cumprimentei os chefes novos e os escoteiros.

T.: Por que a despedida é difícil?

A.: Porque a gente se acostuma a conviver com eles.

T.: E o primeiro dia como escoteiro?

A.: Eu já tinha feito a trilha, que é alguns dias que os lobinhos mais velhos visitam a tropa escoteira, então eu sabia um pouco como era. Foi normal.

T.: Qual é a diferença entre os chefes da alcateia e os chefes da tropa escoteira?

A.: Os da alcateia são bravos e legais ao mesmo tempo. São igual aos dos escoteiros. Acho que não tem muita diferença.

T.: Então qual é a diferença entre o ramo lobinho e o ramo escoteiro?

A.: Os escoteiros não tem a história do Mowgli.

T.: Os escoteiros tem alguma história?

A.: Acho que deve ter, mas eu ainda não ouvi.

T.: Como é ter um personagem para se espelhar?

A.: Eu achei que foi igualzinho à história quando deixei a alcateia. Fui para o mundo dos homens.

T.: O que significa ir para o mundo dos homens?

A.: Ser escoteiro é uma fase nova da vida. Somos mais velhos, ajudam mais os outros.

T.: Como ajudam?

A.: Pedindo doações na rua, organizando para mandar as doações para lugares que precisam.

T.: Por que vocês ajudam as pessoas?

A.: É para ter um mundo mais legal para todo mundo.